

# Capa e Batina



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

## Editorial

### MENSAGEM DO MAGNÍFICO REITOR

A História da Universidade de Coimbra encontra-se indissociavelmente ligada ao desenvolvimento de Portugal, à formação de élites intelectuais e à criação do sistema universitário português.

A face mais visível da tradição da nossa Universidade é, por um lado, o seu património arquitectónico e museológico, visitado anualmente por centenas de milhares de turistas e, por outro, a cultura académica coimbrã, com uma vincada vivência associativa, as suas repúblicas, o seu traje académico e o fado de Coimbra.

Não menos importantes para todos nós, que estudámos na Universidade, são outras tradições, por vezes injustamente menos valorizadas: a cultura da excelência e da investigação científica, da partilha generosa de resultados com a sociedade, da capacidade de cooperação com todos os interessados em alargarem as muitas áreas do Saber necessárias ao progresso e ao bem estar da sociedade, da inovação, da luta política por um mundo melhor e mais justo... é impossível nomear exaustivamente todos os traços distintivos da nossa cultura académica, tudo o que verdadeiramente nos diferencia das outras universidades.

A equipa reitoral que agora dirijo mais não mais faz do que consolidar a nossa tradição académica e oferecer a todos os estudantes da nossa Universidade, os antigos, como eu e os leitores do Capa e Batina, e os novos, os que vivem actualmente a experiência da nossa vida universitária, o que de melhor a Universidade tem para oferecer.

Num passado recente, iniciaram-se importantes alterações a que importa dar seguimento: fomos a primeira universidade portuguesa a apor o sela da qualidade a serviços de administração. A evolução lógica é passar à certificação de qualidade pedagógica dos cursos que leccionamos. O primeiro arquivo automático do país será nosso. As novas tecnologias impõem novas formas de fazer e de estar, e este é o primeiro passo para outros passos necessários e já em marcha, como a criação do Campus Virtual ou a progressiva digitalização das nossas bibliotecas. Maior eficiência de processos e maior eficácia de gestão é o que continuamente procuramos.

O alargamento do Pólo II e a construção do Pólo III, bem como o aumento das estruturas ligadas à acção escolar (restaurantes e residências para estudantes) contribuirão para uma melhor oferta e um melhor serviço aos nossos alunos.

A qualidade da nossa investigação, reconhecida pelo elevado número de prémios nacionais e internacionais recebidos no último ano lectivo, atesta bem da vitalidade da instituição.

No momento em que se discute e se aprova a constituição de novas universidades, redobramos o nosso cuidado na formação integral do indivíduo, cientes que estamos que não são só as aulas que contribuem para a formação de élites. Somos a universidade portuguesa mais referenciada no estrangeiro, o que origina um ambiente cosmopolita e programas de trocas de alunos que aumentam a qualidade das experiências que proporcionamos aos nossos estudantes. A Agenda Cultural bimestral, recentemente lançada, e com 130 actividades nas áreas científica e cultural, são exemplo da qualidade e da variedade do complemento à actividade escolar. É ainda domínio em franco desenvolvimento o apoio ao estudante, de que se destacam áreas de apoio pedagógico, apoio ao estudante deficiente e apoio às saídas profissionais.

Há sempre, em organizações vivas e em movimento como a nossa, muito caminho a percorrer, na procura constante de novos patamares de sucesso. A tarefa é gigantesca. As restrições orçamentais são grandes, mas não desistiremos de devolver às gerações vindouras, ampliado, o importante património corpóreo e incorpóreo que nos foi confiado.

Estou certo que todos quantos passaram pela Universidade de Coimbra são os melhores embaixadores da qualidade e pujança da nossa tradição.

*Prof. Doutor Seabra Santos*

## 83º ANIVERSÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA - 2003

Talvez a "crise" não constitua, por si só, explicação suficiente para uma presença de antigos estudantes algo menor que o habitual.

Aconteceu, porém, que a peça de teatro de revista "O Egoísta, o Espectáculo", em exibição no *Casino Estoril*, já estava em cena aquando da anterior *Tomada da Bastilha*...

Os faltosos podem - apesar disso - ser acusados de alguma desatenção, pois o nome do homenageado principal constituía, só por si, um aliciante: Dr. Jorge de Moraes (vulgo Xabregas).

Trata-se de um homem com uma personalidade multifacetada (artista, boémio *à l'outrance*, muito ligado à criação do teatro universitário de Coimbra.

Os apresentadores do "Show Nosso" - Drs. Carlos Carranca e Almeida Santos (este último mais directamente conotado com a biografia do Xabregas) já têm os créditos firmados. Foram incisivos na caracterização quer da mensagem do evento em apreço, quer propriamente dos homenageados - não podendo ser acusados de incontinência verbal.

O "Show Nosso" obedeceu a um todo unitário.

A presença de Arquimedes da Silva Santos (o outro homenageado) estabeleceu, simbolicamente, a ligação sequencial no tempo entre o Fado Académico de Coimbra (Grupo Cénico) - representado pelo Xabregas - e os primórdios do TEUC (no qual Arquimedes da Silva Santos desempenhou cargos directivos, foi actor, tradutor de peças para teatro, etc.).

O actual TEUC também assinalou a sua presença.

O Programa do 83º Aniversário da Tomada da Bastilha iniciou-se às 19h00, com:

- "Coimbra de Honra" no *Du Arte Garden* e visita à "Exposição 'Xabregas'".

Da pequena exposição constavam alguns livros referentes ao historial do Teatro Académico, que incluíam importantes dados biográficos do Xabregas, bem como a guitarra que lhe pertenceu e fotografias

do mesmo (uma sozinho e duas em grupo), emprestados pelo Museu Académico de Coimbra.

Carlos Carranca abre o "Show Nosso" lembrando-nos, em breves palavras, o que está subjacente a esta reunião: a recordação de Coimbra, Capital da Saudade e da Fraternidade, sua irmã gémea.

Convida-nos a emergir da chateza do dia-a-dia e a reviver a cidade mágica "que continua com o seu povo, a sua Universidade e os estudantes que não dão tréguas"; chama ao palco o Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, o Prof. Doutor Fernando Seabra Santos (fundador da Brigada Victor Jara, já que se está numa festa de música), os Órgãos Sociais da AAEC em Lisboa, o Presidente da AAC, Vítor Hugo Salgado e os Presidente da Assembleia Magna, Joel Rocha, e da Secção de Fado; passa, de seguida, a palavra à Dr.ª Fátima Lencastre.

A Presidente da AAEC em Lisboa começou por dirigir a palavra ao Magnífico Reitor, aos Órgãos Sociais da nossa Associação, aos Presidentes e representantes das Associações de Antigos Estudantes de Coimbra (em Braga, Vale de Sousa, Porto, Alto Mondego e Coimbra), aos Presidentes e representantes das Casas - dos Açores, da Académica em Lisboa, de Goa, de Macau e das Beiras e à Associação dos Pupilos do Exército. Referiu, entre outras coisas, que "a genuína excelência dimana da Universidade de Coimbra e corporiza-se nos seus eternos arautos que são os estudantes".

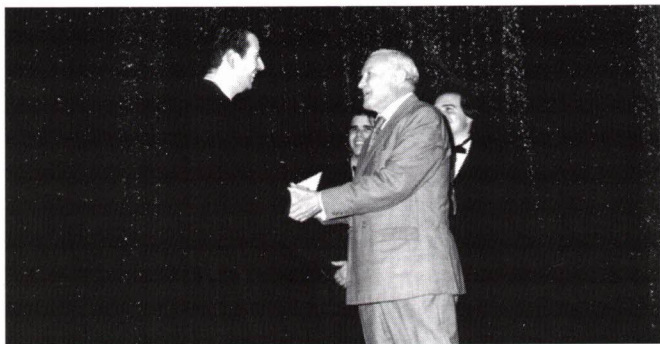
Essas lianas invisíveis que modelaram as almas daqueles que passaram por Coimbra leva-as à criação de Associações de Antigos Estudantes "aquém e além-mar" que conservam e revivificam as tradições. A mensagem de Coimbra é de universalidade e incluiu como um dos seus postulados principais o direito à diferença, isto é, "o respeito sem reservas e incondicional por todos os credos, por todas as convicções, por todas as origens, por todas as posturas".



Constitui até prova disso a realização de um evento de pendor monárquico: a Comemoração, no dia 24 de Novembro (dois dias depois) - na Sociedade Histórica da Independência de Portugal - da visita ao nosso País dos reis Eduardo VII de Inglaterra e Afonso XIII de Espanha.

A Dr.<sup>a</sup> Fátima Lencastre agradeceu a colaboração do Casino Estoril (nas pessoas do Presidente do Conselho Administrativo, do Director Comercial, da *Susaninha*, etc.); dos colaboradores do "Show Nosso" (desde o apresentador até ao Grupo "Porta Férrea"); do TEUC actual (pela sua criatividade cénica na homenagem ao Xabregas); das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra.

Carlos Carranca chama ao palco o Aluno Premiado da Universidade de Coimbra, Dr. João Paulo Mendonça da Silva Gonçalves, "Finalista de Física" - pois é esse o curso de Jorge de Moraes; o prémio foi-lhe entregue pelo Presidente do Conselho Fiscal, Dr. Joaquim Oliveira Martins.



A seguir, um momento solene: Carlos Carranca chama ao tablado o Dr. Jorge de Moraes, o grande homenageado da Tomada da Bastilha 2003.

Começa a ouvir-se, de imediato, o som de um CD (obtido a partir do noticiário da RDP - Antena 2, de 2 de Maio de 1996) respeitante à doação da guitarra do Xabregas ao *Museu Académico de Coimbra*.

O Dr. Almeida Santos - com o brilhantismo que se lhe conhece - traçou a biografia do Dr. Jorge de Moraes (nascido em Samões, Vila Flor, em Trás-os-Montes, em 8 de Maio de 1908 e licenciou-se em Físico-Químicas pela Universidade de Coimbra) e ampliou com dados marcantes a colheita de elementos biográficos efectuada pelo signatário.

A alcunha de Jorge de Moraes conheceu a luz do dia em Espinho, num determinado restaurante de comensais: o nosso ilustre (na altura estudante liceal, com 17 irrequietos anos) face à afluência de comensais substituiu o dono - conhecido por Xabregas - servindo à mesa os seus amigos. Foi o suficiente, colaram-lhe para sempre tal nome à figura...

O após Coimbra foi acidentado, com as óbvias turbulências de uma mente irrequieta.

O serviço militar obrigatório constituiu o passo

seguinte e Almeida Santos sublinhou uma nota da humanidade: no decorrer de uma longa e penosa marcha - apesar de na sua condição de oficial, comandante de Companhia, ter direito a ir a cavalo - achou mais digno suportar as agruras da caminhada em sintonia afectiva com os seus soldados.

No percurso estudantil foi um borboleteante namorador e um boémio. E não só. Preocupou-se, *simultaneamente*, com questões culturais. Versejou como não podia deixar de ser. Carmané Nobre, no seu livro "Coimbra de Capa e Batina", bem como Alberto de Sousa "A Academia de Coimbra", referem-se *encomiasticamente* ao ilustre homenageado.

Na boémia formou com os míticos Castelão de Almeida e Pantaleão um trio indissociável, bom "de murro, de copo e de chiste".

O nosso aguerrido Xabregas desancou o conhecido Fernandinho da PIDE. Foi preso. Valeu-lhe a solidariedade de muitos influentes amigos...

Além de bom guitarrista, foi compositor de *fados e guitarradas*. No decorrer do "Show Nosso" foram interpretados um fado e uma guitarrada célebres.

"Falta a dimensão cultural", alertou-nos Almeida Santos. O Xabregas esteve na base da criação do *Fado Académico* (1931), organismo cuja finalidade era cultivar e difundir o Fado de Coimbra, mas que, entre 1931 e 1939, teve pouca actividade. Neste último a Direcção da Associação Académica, eleita democraticamente, foi substituída por uma Comissão Administrativa. O respectivo Presidente intimou o Xabregas a despejar as duas salas que ocupava na Sede, localizada na mítica Rua Larga. O frontal Xabregas não se ficou. Disparou-lhe que estava ali através de via democrática e só sairia sob coacção.

O Xabregas procurou que o Fado Académico saísse do imobilismo. Organizou um baile e levou uma peça de Gil Vicente ao palco do Teatro Avenida (1938).

O Fado Académico passou a integrar um "grupo cénico", o qual esteve na base da criação do TEUC (1939). Fizeram parte do "grupo cénico", pela primeira vez, estudantes do sexo feminino, o que constituiu um escândalo para a época...

Já perto da ponta final biográfica, o nosso ilustre orador deixou, mais uma vez, transparecer o seu espanto pela permanente irrequietude do Xabregas, pois exerceu a docência liceal, saltitando de terra em terra: Funchal, Évora, Faial, Ponta Delgada, Luanda, Nova Lisboa, Benguela, etc. Voltou, finalmente, ao Liceu Pedro Nunes, em Lisboa (onde tinha efectuado o seu estágio) e aí se aposentou.

Almeida Santos coloriu, ainda, a Biografia Xabregas lembrando que o nosso homenageado foi o fundador de "O Poney", o jornal, por excelência, da irreverente crónica académica coimbrã, a que ficaram indissolivelmente ligados os seus amigos Pantaleão e Castelão de Almeida.



Passou a palavra a Carlos Carranca, que nos salientou que "a grande mensagem de Coimbra é a capacidade de estarmos uns com os outros, apesar das diferenças ideológicas", integrando nesse espírito de fraternidade o *Grupo Porta Férrea*, o qual tocou, em seguida, o célebre *Lá menor do Xabregas*.



Após dissertação sobre a fervilhante evolução cultural da altura, de substrato *presencista*, Carlos Carranca deriva para o neo-realismo, conduzindo-nos até ao poeta Arquimedes da Silva Santos.

Arquimedes da Silva Santos pertenceu à Direcção do TEUC em 1943, 44 e 45, tendo assumido, nesse último ano, a respectiva presidência.

Justificando que "a melhor forma de homenagear os poetas é ler a sua obra", Carranca declamou o poema "Dança da Esperança" do livro "Cantos Cativos".

O poeta Arquimedes da Silva Santos sobe, por fim ao palco, onde lhe é dada pela Dra. Maria Antónia a medalha da nossa Associação, acto secundado por um caloroso *Efe-Erre-Á*.



### Projecto Xabregas

A razão da famosa alcunha de Jorge de Moraes - o "Xabregas" - adveio do facto do jovem estudante liceal ter servido à mesa de avental num restaurante de Espinho, e constituiu o motivo central inspirador da pequena representação, de dez agradáveis minutos, com que nos brindaram "os meninos do TEUC" (na calorosa denominação da nossa Presidente), que representaram "*Esqueceram-me as Queijadas*", uma notável colagem de textos e poesia de autores célebres (Pablo Neruda, Herberto Helder, Eça de Queirós e outros) glorificando, num improvisado restaurante, as delícias da boa gastronomia.



Foram 14 números - fados e guitarradas - que preencheram os cerca de 40 minutos da Serenata final, pelo Grupo "Porta Férrea".

Instrumentistas:

Carlos Couceiro e Teotónio Xavier à guitarra; Durval Moreirinhas e António Toscano à viola.

Vozes de Ribeiro da Silva, Artur Mota, João Caldas, Anjos de Carvalho, Mário Veiga, Rodrigues Rocha, Carlos Carranca, Luiz Goes e Almeida Santos.

Há a sublinhar a inclusão dos seguintes números:

- "Fado da Noite" (música do Xabregas e letra: a 1ª quadra popular e a 2ª quadra de Silva Tavares);
- "Balada da Despedida do VI Ano Médico de 1949" (letra de Arquimedes da Silva Santos e música de Raposo Marques).

*Teotónio Xavier*



# OS NOSSOS PASSEIOS

## Lá Fora

### I - PASSEIO DE VERÃO - ESCÓCIA / ISLÂNDIA

1º Grupo: de 8 a 18 de Julho e

2º Grupo: de 25 de Julho a 4 de Agosto

#### VIAGEM DE 8 A 18 DE JULHO 2003 - 1º GRUPO

No dia 8 de Julho iniciámos a viagem à Escócia e à Islândia: Éramos 50 participantes.

**Edimburgo**, por onde iniciámos a nossa visita, é considerada uma das mais bonitas cidades do Reino Unido, com uma herança arquitectónica notável e um vigor cultural que nos encanta.

De entre as imponentes imagens que Edimburgo oferece, destacamos o castelo, belo e romântico. As ruelas da Old Town são uma viagem à Idade Média e os sons da gaita de foles vindos de algum lugar são o clima perfeito para o início desta viagem.

Após a visita ao castelo, seguiu-se o Palácio de Holyroodhouse, que é ainda hoje a residência oficial da Rainha Isabel II na Escócia. O maior atractivo do palácio, além do interesse do seu interior, foi ter hospedado a Rainha Mary e ter sido onde o seu secretário foi assassinado.

Depois de uma visita à interessantíssima Exposição "Terra Dinâmica" dirigimo-nos para o restaurante "Prestonfield House", onde participámos num jantar típico Escocês, com espectáculo de danças e músicas das Highlands. Foi também aí que travámos conhecimento com o "Haggis". Trata-se de uma especialidade gastronómica cujo consumo é rodeado de uma grande cerimónia ritual, que nos deixou um pouco intimidados. Tanto mais que o "Haggis" é um enchido de grandes dimensões e com um aspecto estranho. Daí ter sido provado com alguma hesitação da nossa parte. Mas acabou por se revelar delicioso.

O terceiro dia deste passeio foi dedicado à visita a **St. Andrew**, uma cidade bonita e invulgar, com um mistura de ruínas medievais, uma paisagem costeira extremamente ventosa e que é considerada a "Meca" do golf. Este desporto é tratado como a religião da cidade, atitude que talvez tenha relação com o facto de St. Andrew ter sido outrora a capital eclesiástica da Escócia. Um castelo arruinado está situado sobre a baía em redor das ruínas do que foi outrora a maior catedral do País.

Partimos para **Glamis**, para visita ao seu castelo e magníficos jardins, onde a rainha-mãe de Inglaterra passou a infância. Ao longo dos diversos salões, há numerosos objectos que nos recordam a sua passagem - fotografias das filhas (a princesa Margarida e a rainha Isabel), quadros, uma chaise-longue onde costumava deitar-se - e não é difícil imaginá-la a correr pelos salões e por entre as árvores.

Depois do almoço seguimos para **Dalwhinnie**, para visitar a sua famosa destilaria, onde foi dado fazer uma degustação de whisky e comprar "na fonte" a deliciosa (?) bebida. Prosseguimos a viagem para **Inverness**, capital das Highlands. É uma pequena e simpática cidade, conhecida sobretudo pela proximidade do Loch Ness, aquele do monstro mais popular do Reino Unido. Ficámos aqui alojados e, na manhã seguinte, efectuámos um tranquilo passeio pelo **Loch Ness**, que tem 37 km de extensão e uma profundidade até 230 metros, alongando-se de Inverness até Fort William. O seu habitante mais famoso não foi avistado, talvez por ter escolhido outro local para as suas férias estivais.

Depois de desembarcarmos, prosseguimos a nossa viagem. Alguns quilómetros mais à frente e com uma panorâmica magnífica sobre o lago, pudemos visitar as ruínas do Castelo Urquhart, que foi uma dos maiores castelos e fortalezas da região. Junto ao "Official Loch Ness Exhibition Centre" (que não visitámos) pudemos finalmente "ver" o simpático monstro, que ficou muito bem nas fotografias!

Visitámos ainda o Castelo e os Jardins de **Cawder**, de grande beleza, onde encontrámos, em grande profusão, a flor nacional da Escócia - o cardo.

Depois de passarmos por Culloden, onde está assinalado o ponto onde foi travada a última batalha anglo-escocesa na Escócia e onde visitámos as ruínas da Catedral de Elgin, chegámos ao Hotel Eight Acres. Nessa noite, e no hotel, festejámos o 83º aniversário do Dr. João Maria e também o aniversário da Isolina (não se pergunta a idade a uma Senhora!). Na manhã seguinte (5º dia) prosseguimos para o interior da Escócia, repleto de lagos, castelos, ilhas, colinas e simpáticas vacas - o cinematográfico cenário das **Highlands**, onde os olhos nos ficam permanentemente banhados de verde...

Passámos pelas cataratas do rio Broom e visitámos os jardins tropicais de Inverewe, onde existem mais de 2500 exemplares do reino vegetal que, apesar do clima agreste, aqui se desenvolvem muito bem, graças à influência da corrente do Golfo.

No 6º dia de viagem, após o pequeno almoço, prosseguimos para **Kyle of Lochalsh** e visitámos o mais

famoso e fotogénico castelo da Escócia. - Eilean Donan, onde foram rodados os filmes "Loch Ness" e "Os Imortais". Após a visita, dirigimo-nos, passando por uma moderna ponte, à **Ilha de Skye** (que faz parte das Ilhas Hébridas) e que tem um aceso tão fácil e rápido que mal nos apercebemos de que estamos numa ilha. Apreciando os castelos, ruínas, penhascos e montanhas, chegámos a **Portree**, capital da Ilha, o local perfeito para respirar profundamente o puro ar rural do Norte da Escócia. Tomando um "ferry", deixámos a Ilha de Skye. Desembarcámos em **Mallaig** e prosseguimos o nosso caminho até chegarmos a Fort William.

No dia seguinte (7º dia), saímos para **Oban**, porto pesqueiro de grande beleza. Aqui existe uma Igreja onde vai rezar a mãe da falecida Princesa Diana. Com uma sucessão quase ininterrupta de castelos, lagos e campos verdes a perder de vista, prosseguimos para **Inveraray**. Depois de um agradável almoço na Drumm Kinnon Tower, na margem do **Lago Lochmond**, seguimos para **Glasgow** (que significa "Lindo lugar verde"), a segunda maior cidade Escocesa, vibrante e transbordante de energia, que passou por um grande desenvolvimento cultural e social nas décadas de 80 e 90. A parte mais antiga da cidade está situada a Leste, em redor da Catedral, obra-prima da arquitectura gótica. Uma estadia de apenas algumas horas revelou-se insuficiente para se apreciar esta cidade, que ficámos com grande vontade de conhecer melhor

A manhã do 8º dia de viagem chegou e, com ela, a partida para a Islândia. Fomos recordando o essencial da informação deste nosso destino: A **Islândia** foi colonizada em finais do século VIII, tem uma superfície um pouco maior que Portugal, mas conta com pouco mais de 300.000 habitantes. A população tem origem escandinava e possui um elevado padrão

de vida. A Islândia é um país isolado, o que contribui para a conservação das suas características culturais. A maioria da população é evangélica luterana. No que respeita ao clima, existe na Islândia uma relativa compensação à sua elevada latitude. As águas da Corrente do Golfo, no Sul da Islândia, amenizam a temperatura no Inverno.

Aterrámos ao princípio da tarde (pouco passava das 15 horas) e seguimos para **Reikjavik** (A baía do fumo). Uma mescla de grande curiosidade e expectativa era o sentimento experimentado à chegada à Islândia (Terra do Gelo), onde, afinal, não se fazia sentir a temperatura baixa que seria de esperar, mas sim uma agradável temperatura de mais de 20º C. Os edifícios têm um aspecto novo e limpo, as casas são claras e têm telhados de todas as cores, as árvores são raras e não se descortinam vacas - apenas ovelhas e alguns cavalos. Após o alojamento no hotel, saímos para um jantar típico num Restaurante Viking, onde pudemos apreciar a especialidade local: tubarão apodrecido, com um sabor tão intenso que tem de ser acompanhado por um copo de aguardente, bebido de um trago. Foi uma noite animada e divertida, com algumas brincadeiras e com as canções folclóricas locais, a cargo dos anfitriões islandeses. No final da actuação destes, o nosso colega Alcindo Costa, acompanhando-se com uma viola local emprestada, fez também uma perninha, cantando algumas baladas da "nossa" Coimbra, participadas por todos nós e muito aplaudidas por todas as pessoas que enchiam o restaurante. E na altura da "Coimbra tem mais encanto" os olhos de todos os portugueses estavam mais brilhantes...

A saída do restaurante verificou-se pelas 23,30 horas e foi com grande interesse que pudemos apreciar o sol da meia-noite, que se pôs à meia-noite e meia hora, para voltar a nascer às 2 horas da madrugada.



Parlamento de 930



Encontro das placas

No dia seguinte (9º dia) tivemos oportunidade de visitar os pontos mais interessantes de Reikjavik - o Museu da Cidade, onde é recriada a vida na Islândia (vestuário, mobiliário, actividades laborais) do final do século XIX. Visitámos também a Catedral de Reikjavik e parámos junto a Höfði House, uma vivenda "assombrada" onde, em Outubro de 1986 se reuniram Ronald Reagan e Mikail Gorbachev. É claro que também houve tempo disponível para comprar algumas recordações!

Nesse dia, ainda fomos tomar banho à **Lagoa Azul**, uma piscina natural onde a água tem uma temperatura de 38º C e possui, segundo dizem, propriedades curativas.

E o fim da viagem aproxima-se a passos largos: no 10º dia efectuámos uma excursão à zona mais famosa da Islândia - o **Círculo Dourado**. Visitámos Pingvellir, um local cuja fama estriba não só na sua configuração geológica, mas também por ter sido onde se reuniu pela primeira vez no mundo, no ano 930, um Parlamento democrático.

Actualmente é um Parque Nacional e o local de reunião de duas placas tectónicas: a americana e a euro-asiática.

O nosso passeio prosseguiu para **Gulfoss**, onde apreciámos as Cascatas Douradas, com os seus dois níveis, as mais fotografadas do país, pela sua queda de água majestosa. A ocidente de Gulfoss encontra-se uma região onde existem os maiores geysers da



A Natureza

Islândia, um dos quais de manifesta pontualmente, de 7 em 7 minutos, subindo a mais de 30 metros.

Visitámos ainda a moderna igreja de **Skalholt**, a cratera de um vulcão extinto, em Kero e, antes de regressar ao hotel parámos em **Hveragero**, uma zona onde existem enormes estufas aquecidas por águas termais naturais, criando um ambiente favorável para as plantas e flores de todo o mundo.

No dia 18 de Julho iniciámos o regresso a partir de Reikjavik e chegámos ao Aeroporto de Heathrow, em Londres, convencidos de que, ao fim da tarde, estaríamos em Lisboa.

Mas tal não aconteceu, devido a uma greve inesperada do pessoal de terra da British Airways. Depois de um impasse de algumas horas no Aeroporto, fomos passar a noite no Hotel Holiday Inn, perto do Aeroporto. Como o problema não parecia prestes a resolver-se, fomos mudados para o Hotel Imperial, no centro de Londres, onde aguardámos directivas sobre o regresso a Lisboa.

Ao fim de algumas horas, o nosso grupo foi dividido em dois para mais facilmente podermos regressar. Mesmo assim, foi um regresso penoso: porque não havia hipóteses de fazer uma viagem directa, no dia 20 de Julho, depois de várias peripécias, o primeiro subgrupo chegou a Lisboa, depois de passar por Bruxelas, a meio da tarde; com o segundo subgrupo foi ainda pior porque, além de sair mais tarde de Londres e de também passar por Bruxelas, teve ainda de ir a Lyon. E tudo isto sem ser em passeio! O segundo subgrupo acabou por chegar a Lisboa próximo da meia-noite.

Mas tudo acabou em bem! E hoje, esta situação é recordada apenas como mais uma aventura...

E, a propósito de aventuras, vou também terminar com uma frase de Jawaharlal Nehru que subscrevo inteiramente: "We live in a wonderful world that is full of beauty, charm and adventure. There is no end to the adventures we can have, if only we seek them with our eyes open".

*Maria Isabel Soares da Costa*

## II - PASSEIO DE VERÃO - HOLANDA / CRUZEIRO NO RENO

De 24 de Julho a 2 de Agosto

### VIAGEM À HOLANDA E AO RENO

Saibam quantos estas linhas lerem que o escriba seu subscritor, na falta ou por hábil escusa de outra possível *vítima*, certamente mais qualificada, se viu, já no decurso da jornada, na contingência de ter sido *democraticamente* indigitado, senão compelido, pela nossa querida Presidente para assegurar a crónica da viagem, que, sob a égide da nossa Associação, decorreu de 24 de Julho a 2 de Agosto. Mas, "ordens são ordens" e, mal ou bem, aqui vai ela.

A chegada ao Aeroporto de Lisboa para as necessárias formalidades estava marcada para as 5 e 15 horas da matina (!!!). Ali comparecemos todos os 66 ensenados participantes para o início da viagem, primeiro até **Zurique** e, após mudança de avião, daqui para **Amesterdão**. Refira-se que, se o pequeno-almoço servido no primeiro avião da "*Swiss*" aos passageiros se poderá considerar aceitável, certo é que o anunciado almoço (?) a bordo do segundo dos aparelhos foi praticamente inexistente... (É consabido que a companhia helvética vem passando por uma situação de crise, mas nem tão pouco...). Foi, pois, com a "barriga a dar horas" (a nosso ver, muitas...) que arribámos ao *Aeroporto de Schipool*, que serve Amesterdão, daqui se saindo para o *Hotel Jolly Carlton*, situado praticamente no centro da urbe e junto ao típico *Mercado das Flores*.

De assinalar - isto para um viandante oriundo de um país, como o nosso, em que os automóveis nos cercam praticamente por todos os lados, enxameando inclusive os passeios em princípio destinado aos peões - a existência nas ruas de Amesterdão de bicicletas aos milhares, muito embora seja o velocípede o mais democrático, prático e ecológico meio de transporte. E, tantas são elas (fala-se em milhões em toda a Holanda), que o maior cuidado que o incauto turista deve ter é evitar ser abalroado pelos ciclistas; pessoas, aliás, de todas as idades e condições, pois os velocípedes passam por todo o lado, por vezes até pelos passeios. O que não pode deixar de se considerar algo insólito, se atentarmos que nos encontrávamos na, no resto, bem ordenada, disciplinada, arrumada e civilizada Holanda.

Já repousados, demos início na manhã de 25 um passeio, de autocarro e a pé, pela capital adminis-

trativa e económica dos Países Baixos, banhada pelo *Rio Hamstel* e cortada por inúmeros canais, o que, aliado ao tipo de construções das casas antigas, casas essas que, ainda que enegrecidas pelos anos e pelo clima, tornam diferente e tão típica esta cidade.

Após o almoço bem servido em restaurante tipicamente holandês, as visitas guiadas no segundo dia tiveram apenas o senão de se ter gasto tempo demasiado numa visita a uma antiga lapidação de diamantes e exposição destes, em detrimento da, mais que apressada, visita ao *Rijksmuseum*, onde nos limitámos a um fugaz vislumbre das obras de Rembrandt, Vermeer e Franz Hals e pouco mais... O problema foi, em parte, superado com uma outra visita voluntária no dia seguinte, mas... Ora, sendo este museu uma das mais importantes pinacotecas do Mundo, merecia seguramente uma visita colectiva mais demorada!

À noite, mas a horas "decentes" e por sugestão de uma Senhora cujo nome não indico, realizámos quase todos (ele há gente para tudo, esta juventude é um espanto, mas este cronista apenas o fez pela imperiosa necessidade de assegurar a reportagem...) um passeio turístico ao famosíssimo *Bairro das Luzes Vermelhas* ou, se se quiser ao "*Red Light District*". Cumprirá esclarecer que os casados iam acompanhados das "legítimas" e os outros também iam bem controlados... Trata-se de um passeio quase obrigatório para quem visita Amesterdão e tudo decorreu na melhor forma. Claro que, na manhã seguinte e logo no pequeno-almoço, ter-se-ão ouvido uns comentários sobre pessoas que durante a noite teriam tido insónias ou que teriam sido ouvidos alguns suspiros de saudade... Não podemos garantir e o cronista limita-se a registar o que ouviu.

Em 26, sábado, saímos às 9 horas da manhã para um passeio, sempre acompanhados pelo nosso guia holando-argentino Rolando, inexcelsível em gentileza e em conhecimentos, pela Holanda do Norte designadamente para visitarmos duas curiosas povoações (*Marken* e *Volendam*), que antes da construção dos "polders" que fecharam o antigo *Zuidersee*, eram ilhas pescadoras, hoje ligadas por diques à terra firme, sendo que o antigo mar é hoje um lago de água doce. Antes da primeira visitámos numa pequena povoação, *Monickendam*, uma curiosa igreja, que antes da Reforma foi católica e se chamava de *S. Nicolau* (Sint Nicklaas) e que, hoje, protestante, se denomina *Igreja Grande*, com algum interesse quanto ao interior, e uma fábrica de queijos (na Holanda não poderia deixar de ser) onde, após uma prova de várias espécies de queijos e de genebra, muitos efectuaram compras. De destacar o belo traje tradicional da vendedora e a beleza da paisagem.



Seguindo para **Marken**, foi esta visitada em pormenor, pois é, pela sua beleza e tipicidade, digna de visita. Mantém características de aldeia piscatória, com as suas casas de madeira e de construção palafítica. As ligações entre as várias partes da povoação (como tudo na Holanda separadas por canais), é feita por uma espécie de pontes levadiças com os nomes das últimas rainhas do País, havendo uma já com o nome da Princesa Máxima (esposa do herdeiro do trono).

**Volendam** é um porto histórico em que se destaca um moinho, antes destinado a drenar água dos "polders". O almoço decorreu no *Hotel Spaander*. De Volendam para **Marken** o trajecto fez-se por barco, o que se tornou tonificante dada a beleza da paisagem e a temperatura agradável do dia.

Regressados a Amesterdão, uma parte do grupo dirigiu-se para o Hotel, enquanto outra aproveitou para visitar o *Rijksmuseum* e visitar os Museus de *Van Gogh* e *Municipal*.

O dia seguinte foi destinado à visita à chamada Holanda do Sul, sempre percorrendo terrenos conquistados ao mar. Iniciámos a jornada por **Delft**, cidade antiga a que está ligada a fundação das antigas *Províncias Unidas dos Países Baixos*, ou seja a independência do País nos fins do Século XVI e a figura de Guilherme de Orange, dito o *Taciturno* (há

quem defenda que o homem não falava por ter sido, sucessivamente, casado com cinco mulheres...), e as lutas contra os espanhóis e as vicissitudes das guerras religiosas na chamada Guerra dos 30 Anos. Para além dos monumentos (de destacar a bela torre gótica da Câmara Municipal, a prisão política nos Séculos XV a XVII) Delft, que é a terra natal de Vermeer e onde pontificou Hugo Grotius, é, em nosso entender, a cidade mais encantadora da Holanda. De realçar ainda a visita, e as inevitáveis compras, a uma das duas fábricas de porcelana (Pavão) ainda em funcionamento. É um autêntico museu.

Chegados a **Haia** (capital política) e após a visita aos locais mais representativos e históricos, almoçámos num típico restaurante holandês, visitando em seguida o *Museu Mesdag*, só por si digno de uma visita, nomeadamente pela obra (o célebre *Panorama*) daquele artista e dos pintores da sua escola, que reflecte a visão de 360 graus, da praia de *Scheveningen*, pois o espectador, dado o seu realismo, é colocado "dentro" da paisagem.

A passagem por *Scheveningen*, ou melhor, pela sua praia, para quem é oriundo da "ocidental praia lusitana", não terá apresentado interesse de maior, o mesmo já não se dizendo da visita a *Madurodam*, ou seja ao parque onde se encontra a reprodução miniatural de toda a Holanda. Um "*Portugal dos Pequeninos*" muito maior, bem situado e de todo o interesse para miúdos e graúdos.

Nessa noite, o grupo, dividido por duas embarcações, efectuou um passeio, com jantar a bordo, pelos canais de Amesterdão, com exaustiva explicação por parte das guias locais do que ia passando sob os nossos olhos. A refeição e as conversas em voz alta dos ouvintes não terão permitido lhe fosse prestada a devida atenção a essas explicações.

No decurso da jornada para **Dusseldorf**, passando por **Utrecht** e **Arnhem**, praticamente quando nos preparávamos para deixar a Holanda, mais



propriamente após uma breve paragem em **Zevandaar**, a maioria dos Colegas constatou, com surpresa, um acontecimento muito triste e inesperado para todos nós - que foi o agravamento do estado de saúde do nosso companheiro Ribeiro. Desde logo (como, aliás, já o fizera antes no Hotel em Amesterdão) acompanhado pelo nosso *Bom Samaritano* Dr. Arlindo de Carvalho, foi de imediato socorrido já em território alemão por uma ambulância do "112", que o transportou ao hospital da cidade mais próxima, sendo acompanhado pela esposa, pelo Dr. Arlindo e por uma das acompanhantes da agência de viagens. O grupo seguiu para Dusseldorf. Infelizmente, os desvelados cuidados que lhe foram prestados não impediram que viesse a falecer nessa noite naquele hospital.

No desconhecimento da sua situação clínica e até na expectativa do seu restabelecimento (a notícia do falecimento só nos chegou na manhã do dia seguinte), os restantes elementos do grupo, tendo almoçado no restaurante *Alt Schumacher* e já instalados no *Radisson Hotel*, efectuaram um passeio guiado pela cidade e subimos à *Torre do Reno*, do cimo da qual se vislumbra um panorama fabuloso sobretudo sobre a cidade de Dusseldorf e o Rio Reno. A notícia do triste evento, logo que conhecida foi, chocou, como é natural, todos os participantes. Para além de um minuto de silêncio, assistimos na Igreja de *Sankt Andreas*, dos dominicanos, a um concerto de órgão, primorosamente executado por um frade desta Ordem. Foi a singela, mas única possível, homenagem que poderíamos, de momento, prestar ao nosso infausto companheiro de viagem. Antes da notícia do infausto acontecimento havia sido efectuada uma poética evocação com a leitura da versão portuguesa da "Die Loreleilied", que serviu como prólogo ao *Cruzeiro no Reno*.

Antes do embarque para o *Cruzeiro* o grupo efectuou

ainda visitas a locais históricos da cidade e visitou ainda o *Museu Goethe* (inserido num palácio instalado num belo e frondoso parque), no qual se patenteia a vida e obra do grande poeta e escritor romântico alemão e a sociedade do seu tempo...

O embarque para o **Cruzeiro no Reno** verificou-se ao fim da tarde, com recepção formal a bordo, tendo o nosso "*Deutschland*" iniciado viagem durante a noite, com chegada a **Colónia** pelas 8 e 30 horas do dia 30. Em Colónia, após um passeio de autocarro pela cidade, com paragem na famosa casa "4711" (da "*Água de Colónia*") fizemos detalhada visita à imponente catedral e a uma fábrica de cerveja local, com prova da dita e com oferta dos respectivos copos.

A viagem a bordo foi-se processando num ambiente repousante, diríamos mesmo "anti-stressante", com excelente serviço, com a maravilhosa paisagem renana a desenrolar-se sob os nossos olhos. O Reno é, como se sabe, navegável por navios de baixo calado, sendo espantoso o número de embarcações que, não só para fins turísticos mas essencialmente de carga o utilizam com mercadorias que, da Suíça, França e Alemanha se destinam a ser encaminhadas pelo Porto de Roterdão. Assim, fomos navegando numa paisagem magnífica e apreciando as margens do rio com cidades e castelos. Deste modo, passámos ao largo de Leverkusen, Bonn e outras cidades.

Em **Koblenz**, que visitámos, foi organizada uma excursão a uma cave de vinhos do *Mosela*, com prova (e oferta de copos), que se revestiu de certa curiosidade. Quanto ao néctar (vinho branco *Rheisling*) propriamente dito não nos permitimos emitir opinião, mas, sendo todos nós do chamado do País das Uvas (como diria Fialho de Almeida), apenas referiremos que parece ter havido quem gostasse, mas não seriam muitos...

Na manhã de 31 o nosso navio passou por um local onde o Reno se estreita, um lugar romântico nas





antigas lendas germânicas e imortalizado por Heinrich Heine, **Lorelei**, região cheia de reminiscências históricas e de belos castelos inseridos numa paisagem verdadeiramente deslumbrante. Tudo a recordar Wagner com *Siegfried*, as *Valquírias* e os *Nibelungos*...

Deixando o navio em **Mainz (Mogúncia)** seguimos de autocarro em excursão a **Heidelberg**, cidade universitária por excelência (a Coimbra da Alemanha, se assim se pode dizer). O passeio nesta cidade, toda ela impregnada de História, incluiu a visita ao Castelo (*Sclosshof*) dos antigos *Príncipes Eleitores do Palatinado*, o qual, embora hoje em grande parte em ruínas, apresenta ainda traços marcantes da sua antiga grandeza e beleza. Seguiu-se a visita à cidade, onde sobressaem os antigos edifícios universitários e outros atractivo. Heidelberg está, de resto, como se sabe, ligada à 1ª República Alemã (dita de *Weimar*) pois é a terra natal do seu 1º Presidente Dr. Theodor Heuss. No regresso, e apreciado o belo *Rio Neckar*, efectuámos uma visita à cidade de Mannheim, com regresso ao "*Deutschland*", que entretanto avançara para esta cidade. Após o jantar, três casais que festejavam aniversários de casamento, foram agradavelmente surpreendidos com uma festa, a que se associaram todos os Colegas da viagem; o que, se tanto fosse necessário, mais cimentou os laços de sã amizade e de companheirismo que nos ligavam. Nessa noite o navio havia organizado inclusivamente um espectáculo com um mágico e houve baile no *Salão Panorâmico!* Tudo com aquela eficiência germânica, que nunca deixa de nos surpreender.

A partir daqui, a jornada fluvial teve também o encanto das sucessivas subidas nas comportas, que permitem, a partir de certa altura e dado o seu desnível, a navegabilidade no Reno. E assim chegámos a **Estrasburgo**. Nesta cidade francesa foi efectuada demorada visita pela cidade, também ela impregnada de História, com sucessivas alterações territoriais da Alsácia-Lorena entre a Alemanha e a França ao longo dos séculos, na qual se incluiu a passagem pelos seus belos espaços ajardinados e

pelos edifícios que são as sedes das instituições europeias - o *Conselho da Europa* e o *Parlamento Europeu*. A Catedral mereceu, como é evidente, visita demorada e foi com o espírito culturalmente enriquecido que regressámos a bordo onde nos esperava o jantar, formal no mínimo, de despedida e uma simpática festa com espectáculo (assegurado pelos tripulantes), oferta da *Viking River Cruises*, pois no dia seguinte teríamos que abandonar, embora com saudades, o nosso palácio flutuante.

No último dia, 2 de Agosto, após a chegada a **Basileia**, foi efectuada uma visita guiada à cidade, de que destacamos a curiosa *Praça do Mercado* (com o edifício da Câmara Municipal ou *Rathaus*) e a visita à Catedral, também ela impregnada de História, pois, para além do mais, nela se encontra o túmulo do grande humanista e europeu Erasmo de Roterdão.

De Basileia para **Zurique** o trajecto fez-se de comboio (um exemplar dos eficientes caminhos-de-ferro suíços, num país onde tudo anda a horas...) com chegada directa dentro do Aeroporto. O resto da viagem para Lisboa, para além do natural cansaço da jornada, teve um pormenor digno de registo: as despedidas entre Colegas, pois a viagem foi mais uma demonstração da camaradagem e amizade já alicerçada na ALMA MATER que a todos nos une.

*António Joaquim Fernandes*

## **Passeio À Holanda & Cruzeiro no Reno** Breves Notas

*Estudantes de Coimbra  
Da nossa Associação  
Vão seguindo pelo Reno  
Numa grande "Renação".*

*A frase "a nossa noite"  
Foi largamente escutada,  
Quem diria que um segredo  
Provocava gargalhada?*

*Vamos todos almoçar  
Todos caminhando em frente,  
Para no fim afirmar  
Nunca mais como arenque.*

*Foi a visita ao Museu,  
Embriagados com arte,  
Perderam-se no caminho  
Foram dar à outra parte!*

*Heiderberga é uma cidade  
Bonita como uma luva,  
Para matar a vaidade  
Deu-nos um banho de chuva.*

*Fátima, Isabel e Dina  
Entram na pista a dançar,  
Para mostrar que a genica  
Nunca mais vai acabar.*

*E lá fomos para a adega  
Por um copinho se bebe,  
Mas era tão pequenino,  
Nem deu p'ra matar a sede.*

*Para acabar o passeio,  
Se alguém nos pedir o mote,  
Diremos com certo enleio  
Que nós "não fomos no bote".*

*Roberto Valente*



## Cá Dentro

### **I - PASSEIO DO OUTONO - COIMBRA, RIA DE AVEIRO E ÍLHAVO 18 e 19 de Outubro**

#### **Dia 18**

#### **DIA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA**

A integração do Dia do Antigo Estudante de Coimbra no nosso habitual Passeio do Outono deveu-se, neste ano, a uma razão de peso: o empenho pessoal do seu novo Presidente em ter ao lado da nova Direcção a Associação de Lisboa nesta primeira comemoração da sua responsabilidade.

Lá estivemos no dia 18 de Outubro com 51 participantes, partilhando a Missa na Capela da Universidade, sem cumprimentos ao Reitor e sem o habitual cortejo em virtude de, nesse dia e a essa hora, estar a sair da Porta Férrea o funeral do sempre Magnífico Reitor Prof. Doutor Ferrer Correia. Tivemos depois um excelente almoço no Centro Cultural D. Dinis, com uma representação inédita de um "Grupo Medieval" da Academia de Coimbra e uma visita guiada ao Museu Académico. No jantar na

Quinta das Lágrimas tivemos um Sarau de "Homenagem à Excelência", em que foram evocadas várias personalidades académicas e não académicas, culminando com uma Serenata de Coimbra pelo Grupo de Fados da A.A.E.C. no Porto.

#### **Dia 19**

Os 51 participantes do Passeio do Outono saíram da cidade do Mondego em direcção a Aveiro "cuja primeira referência conhecida data do ano de 959, onde no testamento da Condessa Mermadona Dias são legadas salinas em Allavarium". O autocarro foi pontual e, enquanto aguardavam a entrada na lancha /Restaurante, alguns aproveitaram a proximidade de uma pastelaria para comprar ou saborear "os ovos-moles, doce de inigualável qualidade que, em barriquinhas de madeira decoradas com coloridas pinturas de temática regional ou em alvo revestimento de hóstia, imitando formas marinhas, se tornaram o símbolo de Aveiro por excelência".

Após uma espera de cerca de trinta minutos, foi dado sinal de embarque... Todos a bordo, começou a ser servido o almoço que, não deixando de agradar o prato principal, não era constituído por tão desejadas enguias... Mas foi dada uma explicação pelo responsável, que compreendemos perfeitamente. Foi preparada uma ementa sem molhos pois o serviço era

volante, tipo "self-service", não sendo possível andar de um lado para o outro com o prato na mão e às vezes até o copo com o respectivo tinto ou branco, com a lancha sulcando as águas, nem sempre serenas da Ria (muito teriam a ganhar as Lavandarias do Bairro de cada um...).

Enquanto saboreávamos os "comes e bebes", eis-nos em plena Ria. E cabe aqui recordar o que o Dr. Frederico de Moura, médico e licenciado em História e Filosofia, meu ilustre Colega de Curso, na sua segunda formação académica, escreveu em 1968, em "Aveiro e o seu Distrito":

*"A Ria estende-se em canais, em esteiros, em vales, em fiozinhos de água, dividindo-se e subdividindo-se até ao capilar; entrando pela terra dentro, recorrendo-a, irrigando-a de água salgada, ou, pelo menos, salobra, e que se vai adocicando à medida que foge do mar e se estende, por aí fora, a servir de espelho a uma lavoura anfíbia que lança a semente ao chão e penteia o fundo lodoso das cales, que surriba terra até sentir os pés encharcados e pesca pimpões nas valas intercalares nos fugídios momentos de lazer".*

O tempo ia ajudando a nossa contemplação. O Sol ia brilhando enquanto uma ou outra nuvem bem negra ameaçava. Passámos junto à zona portuária, depois S. Jacinto no cordão litoral norte da Ria com a Reserva Natural das Dunas e virando a sul a Barra com o seu inigualável farol (Farol de Ílhavo, saliente-se...) e depois Costa Nova com belas casas às riscas imitando as de outrora, em madeira. Nesta digressão pela Ria, íamos apreciando, aqui e ali, alguns barcos moliceiros, utilizados na recolha das algas, de linhas esbeltas e maravilhosos painéis decorados ao gosto popular que deslizavam suavemente.

*Andam na faina do dia,  
Desde a manhã ao Sol-pôr.  
Buscam nas águas da ria,  
- o moliço, verde cor.  
Andam na faina do dia,  
Colorido, encantador.*

*(Amadeu de Sousa - In Colectânea Poética)*

Hoje, o panorama é diferente, porque a apanha do moliço quase deixou de existir. Com efeito, o moliço como fertilizante natural das areias lagunares quase que deixou de ter serventia. As embarcações que restam são como peça de museu, ficando-lhes reservadas tarefas ao serviço do turismo.

E com estas divagações sobre a Ria e sem barcos moliceiros, tínhamos chegado ao final da digressão de lancha, tendo o desembarque sido efectuado num cais muito próximo do Jardim Oudinot e a cerca de

200 m (assim fui informado) do nosso segundo objectivo: navio-museu Santo André.

A informação que me foi dada criou um certo mal estar geral, pois calcorreámos talvez o triplo do que foi indicado e porque uma pequena ponte sobre um braço da Ria e que nos levaria directamente ao Santo André e daí, talvez os metros indicados, estava cortada! E, como, justificadamente, ninguém quis atravessar a nado, tivemos de andar muito mais, contribuindo S. Pedro para maior desespero, pois uns bons pingos ainda caíram!

Depois desta situação, chegámos ao Navio em questão, que foi percorrido com entusiasmo ouvindo atentamente as explicações dos guias.

Este navio fez parte da frota portuguesa do bacalhau e pretende ilustrar as artes de arrasto. Foi construído na Holanda, no ano de 1948 e dispunha de um porão para vinte mil quintais de peixe.

Nos anos oitenta devido às restrições da pesca em águas exteriores a frota foi reduzida e o Santo André não escapou. Foi desmantelado em 1997.

Para preservar a memória deste navio, o seu armador, com apoio da Câmara Municipal de Ílhavo, decidiram convertê-lo em Navio-Museu, constituindo um pólo do Museu Marítimo de Ílhavo. E assim o Santo André mostra aos presentes e vindouros como foram as pescarias do arrasto do bacalhau, durante meio século de actividade.

Após esta visita retomámos, agora sim, o autocarro e fomos até Ílhavo, directamente para o Museu Marítimo, cuja visita estava marcada, por gentileza do seu Director, também ele antigo estudante de Coimbra, para as 15h00 e até encerrar.

Todos tivemos oportunidade de admirar o belo edifício de arquitectura moderna onde está instalado o Museu Marítimo de Ílhavo, inaugurado em 2001 e que substitui o antigo Museu que nascera em 1937.

Acompanhados por guias especializados tivemos a satisfação de testemunhar a forte ligação dos ilhavenses ao mar e à Ria; a "faina maior" (a pesca do bacalhau com dórís de um só homem) e as fainas agro-marítimas da Ria. Observámos as respectivas embarcações e seus apetrechos, muito bem conservados. Apreciámos, ainda, uma exposição permanente de uma colecção de instrumentos náuticos e miniaturas de embarcações de outros tempos.

Havia locais que apetecia voltar a ver mas o tempo urgia. O Museu estava na hora de encerrar e todos no momento de regressar a casa. Segui no autocarro até Aveiro até ao desvio para a A1, desejando, cordialmente, Boa Viagem e que todos tivessem sentido que tinha valido a pena!

*José Moura*

## CONVERSAS QUINZENAIS

2º Semestre de 2003

**50ª Conversa** - (17 de Setembro) - "**D. Francisco Manuel de Melo, um Português Esquecido**" por Fernando Campos.

Fernando Campos, que acaba de ver editado o seu livro "O Prisioneiro da Torre Velha", romance histórico, cujo enredo gira à volta dessa singular e ímpar figura que foi D. Francisco Manuel de Melo, veio precisamente falar-nos dele. Mais conhecido, certamente pela maioria dos que se achavam presentes pela sua obra literária, foi com muito interesse que o ouvimos falar também da sua multifacetada personalidade, inquieta, aventureira e militar. Nascido em Lisboa em 1608 de uma família de alta nobreza, aparentado ainda com a Casa de Bragança, cedo foi nomeado moço fidalgo da Casa Real e mais tarde cavaleiro. Reinava então em Portugal D. Filipe II e seu avô D. Duarte Nunes de Leão tinha tomado o partido de Castela. Estas circunstâncias levaram-no a entrar, como militar que era, nas muitas batalhas que a Espanha travou nessa época. Espírito aventureiro, pertencia à chamada "Companhia de Aventureiros" onde brilhava como espadachim. Em Madrid, conhece o Duque de Olivares que sonhava transformar Portugal numa província espanhola. Aí conhece também vultos notáveis, tais como Calderon de La Barca, Lopes de La Vega e Velásquez. D. Francisco iria tornar-se um clássico da língua castelhana e um clássico da língua portuguesa. Nas batalhas navais e terrestres em que combateu e nas viagens que fez, tinha o hábito de anotar tudo o que mais tarde veio a relatar nas suas "Epanáforas de Vária História...". Em 1640 dá-se o levantamento da Catalunha e D. Francisco, já num posto militar muito alto, vai auxiliar os castelhanos. É aí que surge a notícia de que Portugal se tinha sublevado e aclamado D. João IV como Rei. Preso pouco depois durante 4 meses, é depois enviado para França. Aí adere ao Movimento da Restauração. Apesar de primo do Rei, não lhe é reconhecida a patente militar, nem é sequer chamado para a guerra travada no Alentejo. Em 1644, em resultado de grandes intrigas, é novamente preso e condenado a degredo perpétuo no Brasil, aonde permanece 12 anos em São Salvador da Baía. Após a morte de

D. João IV, é autorizado a regressar a Portugal. Nas muitas versões que tentam explicar o ódio de D. João IV a D. Francisco M. de Melo, fala-se sempre da existência de uma mulher requetada pelos dois.

Mas foi na prisão que escreveu as obras que o tornariam célebre na Literatura Portuguesa. Aí escreve os "Apólogos Dialogais", "A Carta de Guia de Casados" e várias "Epanáforas". Uma vez liberto de culpa, é mandado para a Europa em missões diplomáticas.

Morre em Agosto de 1666. Fernando Campos referiu-se ainda às suas relações com o Padre António Vieira que na Baía pregava a favor dos índios. D. Francisco ia ouvi-lo comungando nos mesmos ideais. Assim se encontraram 2 figuras que muito enobreceram a sua época, sob o ponto de vista humano, literário e cultural.

**51ª Conversa** - (15 de Outubro) - "**Maria Amália Vaz de Carvalho e a sua Influência no Ensino Feminino em Portugal**" por Maria de Lurdes Amorim.

Maria de Lurdes Amorim, no seu habitual estilo, a que já nos habituou, de acompanhar as suas palavras com música e imagens (sempre belas imagens), falou-nos, desta vez, sobre essa grande figura feminina da nossa história cultural que foi Maria Amália Vaz de Carvalho. Nascida em Lisboa em 1847, descendente de avós ilustres nas Letras Portuguesas, cedo se dedicou à poesia, no que foi, de início, contrariada por seu pai que a proibiu mesmo de escrever. No entanto, nunca deixaria de o fazer até que Tomás Ribeiro, ouvindo-a ler um poema, lhe disse que a filha era um génio. Seu pai cedeu e, a partir daí, apoiá-la-ia sempre nas suas lides literárias. Casada com o poeta Gonçalves Crespo, viveu sempre rodeada por grandes vultos da Literatura e Cultura da época que nunca negaram elogios às suas obras, quer poéticas, quer em prosa. A sua casa era um verdadeiro salão literário. Aí se reuniam os mais ilustres literatos, pensadores e políticos, tais como Feliciano Castilho, Tomás Ribeiro, Mendes Leal, Andrade Corvo. Conviveu com C. Castelo Branco, Pinheiro Chagas, Afonso Lopes Vieira, Conde de Sabugosa, Júlio Dantas e com todos os notáveis do grupo "Os Vencidos da Vida". Mas, para além da sua vasta obra literária, Maria de Lurdes Amorim fala-nos da sua influência no desenvolvimento do ensino feminino em Portugal, muito esquecido dos poderes públicos

de então. Debate com coragem a condição feminina, defendendo que deveriam ser dadas à mulher condições para estudar, pensar e escolher o seu próprio destino. Luta pela criação de um liceu feminino e pela aprendizagem escolar das mulheres.

Quando morre em 1921, já tinha tido o prazer de ver a sua luta, o seu esforço recompensado nesse sentido...

Por Decreto, D. Luís cria a Escola D. Maria que, além da leitura e escrita, ensinava labores, tipografia e outros ensinamentos práticos.

Tinha surgido o telefone em Portugal e logo as mulheres se tornam telefonistas. A escola permitia-lhe também exercer escrituração comercial.

D. Carlos em 1906 institui o 1º Liceu Feminino em Portugal - o "D. Maria Pia". O mesmo iria suceder nas principais cidades do País.

E, para terminar, Maria de Lurdes Amorim, lembrou ainda a generosidade que a caracterizava, sempre pronta a socorrer os mais desfavorecidos, no que era aprovada por outra grande figura feminina, a Duquesa de Palmela que expunha para venda no Salão de Artes Plásticas de Maria Amália Vaz de Carvalho os seus trabalhos, cuja receita revertia a favor dos pobres. A Duquesa ofereceu também um palacete em Cascais, como recompensa do seu livro sobre a Casa de Palmela.

Houve no final intervenções várias sobre o assunto.

**52ª Conversa - (29 de Outubro) - "A Vida de um Jovem Professor do Ensino Secundário"** por Jorge Fernandes Nunes.

Jorge Fernandes Nunes, Vogal do Conselho Fiscal da nossa Associação, é formado em Geologia pela Faculdade de Ciências e Técnica da Universidade de Coimbra. Começou por explicar como o destino o levou à carreira de professor, carreira essa bem longe do seu horizonte de petróleos e afins aquando cursava Geologia.

Chegou mesmo a ser convidado a ir para o Kuwait logo que acabasse a licenciatura. Mas o serviço militar levou-o para a Marinha e isso alterou o seu destino. Na Madeira, a enorme falta de professores de Físico-Químicas fez com que as autoridades locais perguntassem ao Comandante da Armada, aí ancorada, se não haveria entre os oficiais alguém que quisesse leccionar essas disciplinas. E assim começou a sua carreira de docente, profissão, aliás de que gosta e na qual se sente realizado. Gosta de desafios

escolares. Tem a satisfação de ter recuperado alunos difíceis, considerados irrecuperáveis. Presentemente está no Ensino por gosto. Entende que este é o ensino que precisa de mais atenção e dedicação de quem ensina. Tem um curso nocturno e acha gratificante ensinar alunos trabalhadores que querem e precisam de aprender. Falou de uma das suas experiências mais ricas e positivas e que foi a inauguração de uma Escola que abriu quase sem nada. Os seus professores, depois das aulas, iam pedir materiais aos empresários e outra ajuda aos habitantes locais. E essa ajuda foi sempre conseguida. Hoje, essa Escola, S. Ferreira Gomes, é exemplar.

A escola, segundo Jorge Fernandes, tem de ser constituída por professores, alunos e família, triângulo que deve ser coeso e estar em permanente diálogo.

Há que ter em consideração a diferença entre ser professor e dar aulas. À erudição de quem quer ser professor não basta para o ser verdadeiramente. Porque cedo entendeu isso, sente-se realizado mesmo com alunos difíceis que gosta de transformar, como já disse, em bons alunos. O 12º de escolaridade deve ser dado só a professores com experiência para que o País se possa orgulhar dos seus alunos e diminuir o fracasso futuro dos mal preparados. Terminou fazendo algumas considerações sobre as actuais reformas do Ensino.

No final houve significativa participação dos presentes.

**53ª Conversa - (12 de Novembro) - "O Eu e o Tu - Uma Dialéctica Irresolúvel em Virgílio Ferreira"** por Maria Joaquina Nobre Júlio.

Muito difícil de resumir e dar uma ideia do que foi esta belíssima e erudita "Conversa", vou tentar dar um pequeno resumo, cheio de falhas concerteza, das quais peço já desculpa à Autora.

Maria Joaquina Nobre Júlio, baseando-se na sua obra, fez dele e do seu pensamento uma belíssima análise, clara e erudita. Através do seu estudo, pode afirmar-se que em todas as suas obras, sobretudo nos romances, revela a sua eterna angústia na procura de respostas para as suas dúvidas existenciais e metafísicas.

Um dos problemas por ele mais debatidos é sempre o enigma de "quem sou eu?" e qual a razão da sua existência. A individualidade de cada um resulta, segundo o Autor do saber distinguir o "Eu" e o "Tu".

O diálogo entre o "Eu" e o "Tu" de cada um é que faz o conhecimento de nós próprios. O "Eu" e o "Tu" formam a pessoa. No entanto a busca de ver claro em si mesmo, a busca do "Eu" feita por uma pessoa desequilibrada pode levar a atitudes trágicas, como acontece no romance "Aparição". Há quase sempre uma incomunicabilidade entre as suas personagens. A dialéctica que existe no romance "Estrela Polar" entre o "Eu" a personagem masculina e o "Tu" a feminina cria desassossego e angústia, na ânsia sempre presente de descobrir quem é realmente o "Tu".

A angústia, a incerteza, a busca metafísica em Virgílio Ferreira, são evidentes também na figura do "Labirinto". Podemos considerar "O Labirinto" como uma metáfora da condição humana. A temática existencial da morte e solidão são também uma constante como é constante a busca além de si próprio, de algo transcendente que torne possível o diálogo entre os seres humanos. Há necessidade de haver um Ente que estabeleça esse diálogo. Pela densidade humana da sua obra, pela análise psicológica nela contida, pelo seu discurso filosófico, torna Virgílio Ferreira um Grande Autor que merece ser lido e meditado. Com a sabedoria e erudição que a caracterizam, Joaquina Nobre Júlio, soube suscitar não só o interesse de todos neste difícil tema, como a vontade de ler ou reler Virgílio Ferreira.

## **PRÓXIMAS CONVERSAS**

1º Semestre de 2004

**14 Janeiro** - "Actividades da Associação - Vem Dizer de Tua Justiça";

**28 Janeiro** - "Gualdin Paes - O Cavaleiro do Templo", por Maria Olga Reis;

**11 de Fevereiro** - "A Vida numa República", por Camacho Vieira;

**21 de Abril** - "A Razão dos Anos Bissextos e a Marcação da Páscoa", por Capela Gordo;

**19 de Maio** - "A Modinha Brasileira", pela soprano Luísa Sawaia;

**16 de Junho** - "Como Escolher uma Viagem", por Mário Caldeira;

**30 de Junho** - "Gualdin Paes - o Grande Mestre Templário", II Parte, por Maria Olga Reis.

*Isabel Alexandre*

## **A VOZ DA FILANTRÓPICA**

Temos vindo a desempenhar as nossas tarefas habituais. Para além disso, realizámos um "Almoço Outonal" com que quisemos marcar o início do nosso período de trabalho post-férias, e que teve lugar na Pastelaria S. João, cujo novo salão de festas fomos inaugurar.

A ementa cuidadosíssima foi devidamente apreciada pelos 61 Sócios que compareceram e alguns dos quais manifestaram o desejo de que escolhêssemos o local para futuros convívios.

A parte cultural foi enriquecida pela participação do Ad-Hoc e por fados cantados pelos seus solistas: Artur Mota e Cor. Anjos de Carvalho. Foram também ditas algumas poesias. Nós agradecemos aos que deram brilhantismo ao nosso convívio e prometemos mais.

## **O NOSSO COFRE**

O ano de 2003 foi encerrado com o saldo anual positivo de Euros: 442,01 , o que faz um saldo acumulado nos cofres da Filantrópica de: 4.223,83 .

Saudações Académicas

Pela Filantrópica

*Maria Olga Reis e António Braz dos Santos*

## **IN MEMORIAM...**

### ***Deixaram-nos...***

... no segundo Semestre de 2003:

✦ Eng. José Pinheiro Paixão, Sócio 475  
- em 10 de Agosto;

✦ Dr. Durval Teixeira Pereira Alves, Sócio 108  
- em 2 de Outubro;

✦ Dr. Ramiro Ferreira das Neves, Sócio 760  
- em 26 de Outubro e

✦ Homero José Pereira Tavares Pedro, Sócio 445  
- em 19 de Março e

✦ Dr. Edgar de Mendonça Castelo Branco Pires Marques, Sócio 470 - em 2 de Dezembro.

*Que descansem em Paz.*

## IN ILLO TEMPORE

### O Ambiente Vivido Numa República de Coimbra

Ao encontro duma juventude académica vivida em Coimbra, nos finais dos anos 40 e início dos anos 50, irei desvendar um pouco da vida comunitária numa república em que vivi nessa época.

Trata-se do *Palácio da Loucura*, refúgio de gerações, que, ao longo do tempo, tem mantido esse espaço habitacional, ao qual o espírito irreverente académico dum seu elemento decidiu promulgar uma constituição. Refere a mesma que as fronteiras dessa República confinam com a fronteira vizinha, da República Portuguesa, tratando-se pois como que dum estado Unitário Independente e que nasceu ainda sob o jugo duma locatária.

Em 1947 a dita locatária resolve entregar a gestão da mesma aos estudantes, seus inquilinos, após diálogos constantes, tendo dessa forma oficializado o Prédio como República e nome próprio, que foi o de *Palácio da Loucura* como já foi dito, tornando-se pois independente. Houve assim uma sequência desde os percursos em 37 até aos fundadores em 47.



Os primitivos "Paços" da Real República Palácio da Loucura (Alta)

Certo dia, porém, os seus constituintes, aos quais pertenci, resolveram dar o grito de Ipiranga e assim mudámos com armas e bagagens para a rua Antero de Quental, onde fomos instalando as camas, as cadeiras, as mesinhas e construímos uma mesa de jantar com capacidade para trinta ou quarenta pessoas.

A propósito desta mudança, o Camilo Araújo Correia, Palaciano Fundador, tem uma opinião sobre essa emigração diferente da que nos é dada por Carmine Nobre, jornalista de grande relevo e que nos deixou dois volumes do *"Coimbra de Capa e Batina"*.

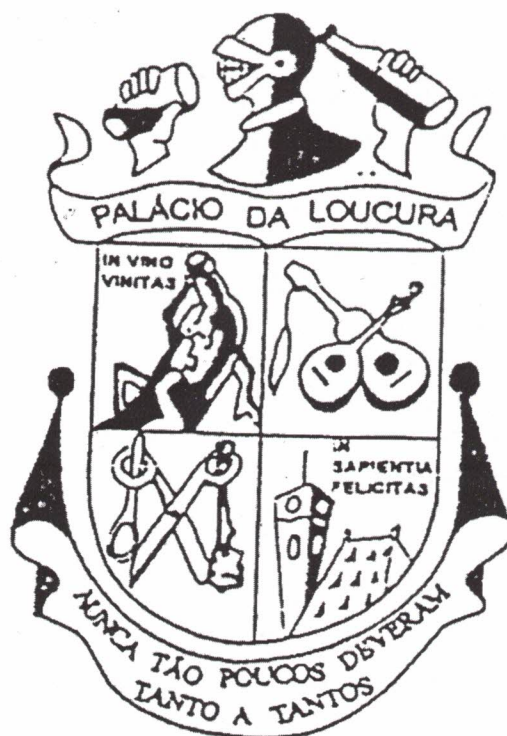
Teresa Amaral Dias Carreiro, no seu trabalho excelente de admirável pesquisa literária, e de depoimentos dos

*Antigos Estudantes do Palácio da Loucura*, escreveu um conceituado livro de 300 páginas *"Viver numa República de Estudantes de Coimbra"*.

Desse trabalho, retirámos, pois, depoimentos do Camilo, em que ele diz que a debandada da rua das Flores, número 18, mesmo em frente à residência de José Régio, para a rua Antero de Quental, se deveu ao facto das condições de salubridade serem precárias, com muita falta de conforto e, sobretudo, pela falta de uma casa de banho condigna.

Quanto ao Carmine Nobre, diz a autora que no Capa e Batina esse jornalista faz uma alusão à mudança para a Antero de Quental, relacionando-a com o seguinte facto: Churchill ao anunciar a vitória da RAF, na Segunda Guerra Mundial, contra a aviação Alemã, pronunciou a célebre frase: *"Nunca tantos deveram tanto a tão poucos"*. Este acontecimento histórico foi aproveitado por um grupo de estudantes da velha República Coimbrã, que, após esgotados todos os recursos ao crédito, resolveram colocar a tal frase na fachada do prédio, mas com a seguinte legenda:

*"Nunca tão poucos deveram tanto a tantos"* e que ainda hoje vigora junto ao brasão, no papel de carta usada no Palácio. O mesmo Carmine Nobre abriu o segundo volume do Capa e Batina, com esta espantosa irreverência, por lhe parecer que ela merecia um lugar de honra, pela grande dose de graça que ela encerra, e que, naturalmente, espantou de admiração e pôs em sobressalto todos aqueles credores, que lhe poderiam bater à porta.



Símbolo da Real República Palácio da Loucura



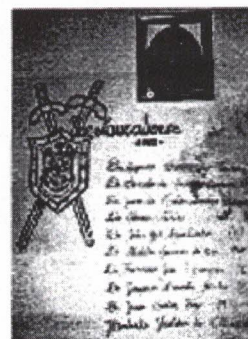
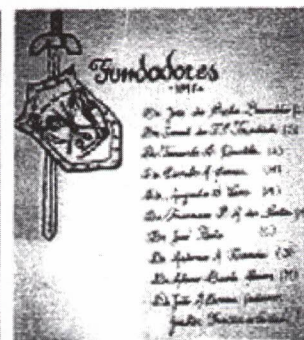
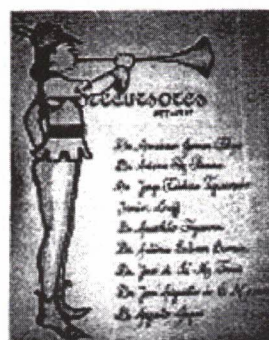
Escadas de acesso ao primeiro andar

Pela descrição neste capítulo inicial deste tema relacionado com uma vivência tradicional, percebe-se que as Repúblicas Coimbrãs são entidades colectivas, que passando de época para época, nas gerações sucessivas, transmitem uma força imaginativa, poética, jocosa, crítica, associativa, cultural, política e social, muito poderosa para a época em que lá vivemos. Sem preconceitos, havia o culto duma autêntica Comunidade, orientada no sentido duma solidariedade, pelo respeito duma autêntica Democracia, em que respeitávamos o bem estar de todos, pela entreatajuda na troca dos melhores sentimentos humanos. A praxe era saudável, satírica e civilizada, e que todos cumpriam, pelo sentido elevado do respeito que os mais novos tinham para com os mais velhos, embalados para competências futuras, atribuídas pelas respectivas formaturas. Cumpriam, pois, todo este ambiente os *Repúblicos do Palácio da Loucura*, que já estabilizado na rua Antero de Quental nº 21, foi documentando nos murais e através do saudoso Tossam, variados quadros a pincel e tinta tendo na sala de jantar e de convívio, pintado a ceia dos Loucos, em que se vêem criadas a voar e a despejar das travessas frangos depenados e a massa, em forma de cifrões, a ser comida pelos loucos sentados a uma mesa às avessas.

Outras pinturas dele e do Quadros, outro famoso República que, além da sua veia poética, também desenhou nas paredes outros quadros bem humorísticos.



O Palácio da Loucura visto por Fernando Guichard

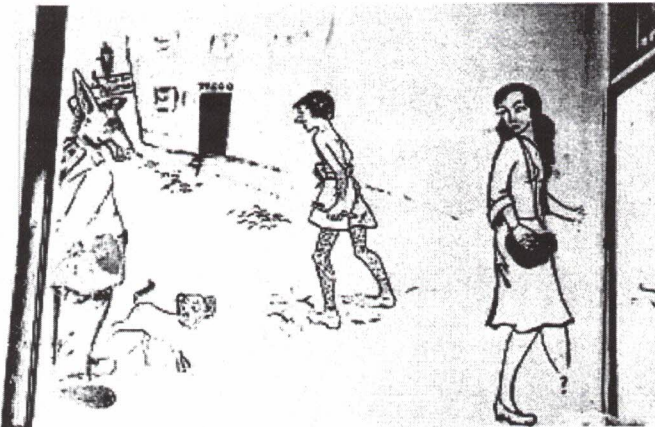


Precusores, Fundadores e Restauradores do Palácio





A "banda de música" do Palácio



Deslocação ao "prego" do estudante "depenado"

Refira-se aqui também o que se lê numa Revista académica do ano de 1954 "*O Badalo*", em que o jornalista transcreve precisamente o aspecto jocoso dessas pinturas.

No ano 48, no dia 11 é instituída em Assembleia das Repúblicas "*O Conselho das Repúblicas*", um dia depois da assinatura da *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, e em que o principal objectivo era garantir a subsistência das Repúblicas, por tempo indeterminado, e lutar pela instituição de mais Repúblicas. Já nessa altura o *Camartelo do Bota Abaixo da Velha Alta* anunciava a sua demolição, o que levou uma comissão dos representantes das várias Repúblicas a pedir uma audiência ao Reitor da Universidade, Doutor Maximino Correia, comissão essa a que também pertenci, no sentido de impor que na futura Cidade Universitária fossem criadas habitações para estudantes, ao jeito de Repúblicas. A intenção foi, pois, que a sua administração fosse entregue aos Académicos e não a entidades administrativas, dependendo, assim, os interesses económicos da camada estudantil. Era a continuidade tradicional, em que prevalecia a defesa económica do cifrão, orientada pelos seus donos legítimos. Existiam, nessas Repúblicas, os diversos ministérios, a começar pelo Presidente, que na minha República era o "Louco Mor", tendo sido investido

nesse cargo, por votação geral, o Camilo de Araújo Correia.

Depois vinha o ministro do Bago que na altura foi o João Araújo Correia, o qual recebia dos Repúblicos o produto dos vales que os benfeitores paternais, naturalmente, lhes enviavam.

O João Semana era o Repúblico que, semanalmente, metia um vale ao ministro do Bago (João Caixa) e dava as suas ordens à Dores, antiga tricana, que era a nossa cozinheira, de mão certa no tempero, que fazia inveja aos melhores mestres culinários.

As contas eram feitas à noite depois do jantar, sendo as despesas recolhidas pelo João Semana das mãos da Dores, em papel pardo, com descrição do custo das batatas, salsa, arroz, vinho, pão, bacalhau, costeletas e por aí fora até à soma total.

Consoante a habilidade do João Semana, assim a diária poderia não ultrapassar os 9\$00. a diária de cada um, extraída ao cofre paterno, oscilava nos 15\$00.

Desta maneira havia um lucro oscilante, na base dos 6\$00. A ementa era sempre magnífica: sopa, 1 prato de peixe ou carne, pão, vinho, fruta. O café era na tasca vizinha ou no Nicola. Quando os cisticercos acabavam antes do dia 31, a comunidade valia-se da "Ida à Lebre", isto é, até chegarem as notícias económicas, as Repúblicas valiam-se umas às outras, distribuindo entre elas o dar de beber à dor da crise.

Certo dia, era dia 29, e havia a crise, e a nossa Dores com as mãos debaixo do avental, à porta da cozinha, virada para nós sentados à mesa, disse: Os senhores doutores podem vir amanhã almoçar e jantar, que eu cá me arranjo. No dia a seguir ao milagre dos pães, a Dores novamente, virada para nós, com um bilhete na mão assim nos dizia: Senhores Doutores! Agora preciso que me tratem este bilhete. Era a cautela do prego, em que tinha empenhado o seu magnífico cordão de ouro. Isto revela bem a sensibilidade humanitária da nossa Academia.

Durante as refeições, tudo se debatia numa discussão salutar e didáctica. Nestas discussões, por vezes, saíam calinadas, que ao grito "*Essa vai para a parede*", eram de imediato escritas pelo prevaricador e assinadas pelo mesmo, a tinta preta, na parede da sala de jantar. E lá estão em várias colunas, e para a posteridade, no referido local, e mais tarde, pela falta de espaço, num livro em cuja capa se pode ler: "*Livro das Kalinatas*", compiladas por todos aqueles que aqui viveram, comeram e falaram.

Transcrevemos algumas delas:

- Entrou uma fresta pela janela (Dr. Gil)
- "O Palácio coitadinho, ainda esta noite, não viu a luz do dia" (o Palácio era o cão preto do Palácio) (Dr. Alcides)
- Porreiro, porreiro, era descobrir um galinheiro de leitões (Dr. Alcides)

- Hei-de casar sozinho (Dr. Gil)
- Eu não afirmacei (Dr. Vitória)
- Por este andar, casas solteiro (Dr. Miragaia)
- Isso de bebidas líquidas é perigoso (Dr. Flávio)
- Ponham lá um penico cheio, meio de água (Dr. Pantera)
- Quantas lâmpadas tem aquela vela? (Dr. Salgueiro)
- Dói-me sempre esta dor (Dr. Ataliba)
- Não posso ainda receitar porque ainda não estou inscrito na Ordem dos Advogados (Dr. Camacho no dia da sua formatura em Medicina)
- Cheguem cá um prato para pôr as espinhas (Dr. Louzã no dia em que defendeu tese, comendo peru)
- Ó malta! Se eu nunca tivesse nascido, ficava quilhado (Dr. Miragaia)
- Etc., etc., etc.

A vida comunitária simbolizava uma fraternal camaradagem de impetuosa irreverência Académica, tradicionalizada, e em que se evidenciavam valores culturais e artísticos.

Na minha República, viveram os poetas Herbert Helder e o Fernando Quintela. O actor do *TEUC* - João de Araújo Correia. O seu irmão Camilo escritor e contista que se evidenciou pelos seus livros escritos nos últimos 50 anos como "*Contos na Palma da Mão*", "*Coimbra Minha*", "*Coimbra Minha Outra Vez*", etc., etc. O violista Alcides certo dia comprou a um aluno de Medicina conhecido como o Policarpo um par de botas de cano, uma anatomia e uma viola pela módica quantia de 100\$00 (daquela época, é claro). Como não sabia tocar, arranjou um "*Método de viola*" e ao fim de 2 meses, surgiu a tocar uma lindíssima composição e de difícil execução, o musical brasileiro "*O Delicado*". Era ele que, aliás, e, por vezes, nas noites à luz da Lua me acompanhava em serenatas que, de improviso, nos eram solicitadas. Foi ainda nesta República que se criou a "*Brigada Vítor Jara*", essencialmente de violinos.

Nas noites festivas dos "*Centenários*" e "*Milenários*", organizavam-se banquetes para a recepção de ilustres convidados. Jorravam, além dos ditos e graças irreverentes dirigidas a essas figuras, os discursos, nas palavras de grande saber, emolduradas pelos dotes culturais e artísticos do Louzã Henriques, da eloquência do Camilo e da erudita oratória do João Araújo Correia e do Flávio Sardo, que punham em sentido, a irrequieta e perturbante comunidade presente. Vinham, depois, os fados de Matriz Coimbrã, e por fim, o *Hino do Palácio*, e as cantigas jocosas, com letras de humor hilariante e em que colaboravam todos os Palacianos.

Foi assim que se realizaram as magníficas recepções efectuadas ao conceituado jornalista brasileiro, João Emerenciano, à Dulcinda Grieco, precursora do Teatro Brasileiro, declamadora excelente e que com toda a sua companhia de teatro foi convidada para actuar em Coimbra, através das respectivas entidades Camarárias do Gabinete da Cultura.

O João Condé foi outro ilustre comentador e escritor literário brasileiro, que na altura se encontrava em Coimbra, numa entrevista a Miguel Torga, que foi convidado da mesma forma para passar uma noite no Palácio.

Mais tarde, enviou-nos a revista *Padrão do Rio de Janeiro*, com o seu flashe literário sobre a visita a Coimbra.

Referiu os belos momentos passados na República. A título elucidativo reproduzimos aqui as fotos dessa revista, assinalando, sobretudo, a Homenagem que lhe foi prestada.



É de assinalar o momento em que já tinha assinado com pincel e tinta preta, numa placa de madeira de caixote pregada na parede, o seu nome, placa essa que descerrada a capa que a cobria, ficou a perpetuar esse evento.

Na altura, recebia a comenda, em que as graças mais disparatadas, eram dirigidas e orientadas, pela irreverência Académica.

Por vezes a Homenagem era repetida no quarto onde a individualidade pernoitava, depois duma noite de Boémia finalizada na Sé Velha, onde era premiada, com uma serenata, no final do acontecimento.

*Que o Sol duma Alvorada  
Nos traga as flores da cada dia  
E que o Bem dessa madrugada  
Seja a Luz que nos alumia.*

*Na madrugada a nascer  
Vejo o alvorecer no horizonte  
Sinto minh'álma renascer  
No Canto eterno dessas Fontes.*

*Augusto Camacho Vieira*

**NOTA** - Esta rubrica está aberta às "recordações" de todos aqueles que as quiserem lembrar.

## OS NOSSOS POETAS

### O CALENDÁRIO

*Em noite de farra, num mundo à solta,  
Cheia de vida, álcool e animação,  
A Terra completa mais uma volta  
No seu movimento de translação.*

*À volta do Sol, num girar insano,  
Percorre a Eclíptica no seu fadário,  
Dá origem às Estações e ao Ano,  
Fazendo mudar nosso Calendário.*

*Dá-nos a Terra os dias em sucessão  
No seu movimento de rotação  
Em volta do seu eixo imaginário,*

*Agrupam-se em semanas e doze meses  
Com nomes diferentes todas as vezes  
Quantas folhas tiver o Calendário.*

*António Capela Gordo*

### SER MÃE

*Ser mãe é ser fonte de amor e vida,  
É viajar no tempo doce aventura  
De nove meses de sonhos e ternura,  
Numa vivência humana mui sentida.*

*É ser origem, ponto de partida  
Da esperança germinada à cintura,  
Prá galeria de humanos com moldura,  
Varanda pró futuro dirigida.*

*Ser mãe é sentir fortes emoções  
No silêncio da sua intimidade,  
P'ra fazer ligação de gerações.*

*É ser mulher em toda a sua grandeza,  
Veleiro num mar de felicidade,  
Primavera humana da natureza.*

*António Capela Gordo*

### DESESPERO

*Negras, tão negras as rochas da praia  
Desfeitas aos poucos pelas ondas do mar.  
Negras as vagas que o vento impele  
E desfaz inclemente sem dó nem pesar.  
Negras as pedras das ruas desertas  
Presas ao solo para eu as pisar  
Negras, porém, mais negras que tudo  
São as saudades que o peito encerra  
E nada as consome e as pode matar.*

*Alcindo Costa*

### gCOIMBRA - Um Soneto

*Da caverna da minha solidão,  
Troglodita actual,  
Clamo por Ti.  
Tanto Te queria achar...  
Mas perdi-Te numa curva do caminho!  
Da centelha do "Logos" que me deste  
Fiz estrada p'ra seguir no Teu encaço  
E Tu sempre a fugir...  
E eu que tanto queria crer...  
Restas em mim impessoal e frio,  
Força cósmica "arquê" primordial.  
Mas esse não me aquece nem és Tu.  
Não o busco porque está e é.  
Demiurgo, exigência pura de racionalidade!  
Eu vou na esteira d'Aquele que sabe  
Que o Homem existe e sofre.  
Que quer ser Fim e não apenas meio  
Da imprescindível consecução do Todo  
Onde um dia se irá perder-se o Eu,  
INEXORAVELMENTE!  
Deus! Ó Deus!  
Se estás e ouves, não fujas mais  
Para que Te diga só, emocionadamente:  
Pai nosso que estais no Céu!*

*Maria Olga dos Reis*

## PARA O SR. CAMPOS — O NOSSO EFE-ERRE-Á

Por iniciativa e realização dos nossos Colegas Gustavo Cerdeira e Tito Costa Santos, vibraram no auditório da Junta de Freguesia de S. João de Brito (com a grata presença dos seus dirigentes), no dia 26 de Setembro, cerca de 150 vozes, em merecido aplauso ao nosso funcionário Sénior, que tem dedicado os últimos 20 anos da sua vida à nossa Associação, com o carinho e dedicação que todos têm reconhecido e souberam recompensar na "compra" do ingresso, à medida da generosidade de cada um e que... atingiu o montante total de 800 Euros! (bem guardadinhos no cofre que a Presidente da Associação lhe entregou no palco).



Fátima e Sr. Campos

Foi enquadrado por um espectáculo rico e variado, iniciado por "verso e reverso" da apresentação do Senhor Campos, da autoria do Gustavo, e em que deram as mãos o nosso Grupo Coral Ad-Hoc, poetas e poemas, fados e guitarradas de Coimbra, bailado por 2 pares de jovens profissionais dos "Alunos de Apolo" e fado de Lisboa, sénior e júnior – este a surpresa da noite, na voz de Ângelo Freire.

À Presidente Fátima Lencastre coube dar o testemunho do dia-a-dia laboral do homenageado, aludindo à sua proverbial "teimosia – eu é que sei" quando a orientação dada não tem o seu total acordo..., mas desejando, em nome de toda a Direcção, que perdure por longos anos e até com a mesma "intensidade" esta peculiar forma de irreverência académica, como sinal que é de perfeita integração na nossa alma associativa.



Ângelo Araújo e Francisco de Vasconcelos Mário Veiga, Caldas, Ângelo Araújo e Anjos de Carvalho

Resta-nos registar aqui o que decerto todos esperavam no momento, mas que o Senhor Campos não teve oportunidade de prestar: o seu

### “AGRADECIMENTO

Este terno Convívio, quiseram estimados Sócios e estimada Direcção da Associação Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, Sócios aqui presentes e também ausentes, entre outras pessoas, vir fazer uma surpresa a este vosso humilde e dedicado servidor:

*Mas quem sou eu; Nada  
Vamos andando para o nada frio  
Que me resta pois do coração vazio?  
Tombando um a Deus – Velou-se Tudo.*

*Na marcha da Corrida acelerada  
Parei um dia junto ao Campo Santo  
Olhei para mim próprio e com espanto  
Vi a minha cara toda enrugada.  
Fiz o Currículo da minha Vida passada  
Com os olhos postos na Terra do pranto  
O Coração cheio de amargura e desencanto,  
Concluí afinal que não sou nada.*

*Porém ao reiniciar a Caminhada  
Encontrei um Sinal do Sacrossanto  
E tive a prova de que a Vida não acaba  
Ergo a cabeça e a voz levanto  
Continuo em frente esta jornada  
Em busca de Outra Vida, entretanto.*

Pedindo desculpa com estas humildes palavras, o tempo que tirei a todas as Vossas Excelências, eu quero testemunhar com a força da minha Alma, toda a gratidão e o meu reconhecimento por esta festa Convívio que a Direcção da A.A.E. Coimbra em Lisboa e todos os Sócios da nossa "ASSOCIAÇÃO" presentes e ausentes, o meu mais sentido e Eterno Obrigado, que sempre os conservarei eternamente no meu pensamento.

*Florêncio Barroso de Campos”  
A Direcção*



Ângelo Freire

# O ESCRITOR FERNANDO CAMPOS

## “O PRISIONEIRO DA TORRE VELHA”

É este o título da última obra publicada pelo escritor Fernando Campos que vem colocar na ribalta a figura quase esquecida desse grande português do séc. XVII, que foi D. Francisco Manuel de Melo, "um homem para além da sua época".

Alguns de nós terão deste apenas uma ideia fugidia, deixada pelas leituras dos bancos do Liceu. "Os Relógios Falantes" ou "O Fidalgo Aprendiz", o que está muito longe de esgotar a diversidade da sua obra literária e nem deixa entrever a personalidade multifacetada do seu autor.

Ele foi o "Poeta Melodino", mas é na prosa que ele ganha o estatuto de grande autor de obras que se enquadram em diversos campos. É um historiador que nos lega uma "História da Catalunha", por ele vivida e criticamente observada, "Epanáforas de Vária História" e também uma "História da Cabala". Como hagiógrafo, deixa-nos a "Vida de S. Francisco de Assis" e a "Vida de Santo Agostinho". A sua obra mais conhecida é talvez a "Carta de Guia de Casados". Mas temos ainda os "Diálogos Apologais", onde se enquadram os já citados "Relógios Falantes" e outras obras de ficção, todas elas deixando transparecer preocupações de crítica social e o seu pendor filosófico.

Deixando de lado o seu labor literário, estamos perante "um homem de fibra". Estratega experimentado em guerras de terra e mar, comandante de frotas e tropas em pé de guerra, foi ainda ajudante de campo na guerra da Catalunha contra a Espanha, cargo de que o retiraram apressadamente em 1640, por temor que pudesse ser adepto da causa portuguesa. Distinto diplomata, embaixador, político enredado em esquemas tortuosos e pouco esclarecidos, Homem vertical em todas as situações. É esse o herói de "O Prisioneiro da Torre Velha", onde a verdade histórica e a ficção se entrelaçam sem deixar o verosímil, porque o autor partiu de bases documentais. Fernando Campos já nos habituou a isso e gosta de frisar que o que é histórico é para respeitar, mas que as entrelinhas obscuras são o "caldo de cultura" ideal para a ficção romanesca onde se sente livre para dar largas à invenção.

A figura de D. Francisco Manuel não foi escolhida por acaso. Há muito que procurava uma figura dramática que tivesse vivido, ou até nascido, em época de crise nacional. Que dúvidas, que angústias se lhe dese-

nhariam no espírito? Como sentiria depois o renascer da pátria? Ora D. Francisco preenchia essas condições, agudizadas ainda porque, nascido em 1608, de mãe castelhana e pai português, tem duas línguas e duas pátrias. Por qual quererá ou deverá optar?

Fernando Campos dá grande importância às reflexões pessoais que adivinha no seu "herói" e aproveitou factos reais para os tecer num texto romanesco onde procura um estilo de escrita consentâneo com a obra e a linguagem da época e a língua actual.

Foi longa a pesquisa de fontes históricas e literárias. O romance levou-lhe ano e meio a escrever e nele aparecem figuras enternecedoras de grande beleza moral, como o negrinho Mané, outras hediondas como as de todos os traidores que atravessam estas páginas... Contudo nunca desce ao nível folhético dos livros de "capa e espada".

O "Prisioneiro da Torre Velha" veio enriquecer a nossa cultura: no domínio da língua portuguesa, que o autor valoriza negando-se a confiná-la nos duzentos ou trezentos vocábulos da linguagem básica, não hesitando em empregar palavras que tendem para o esquecimento ou até mesmo em criar um ou outro neologismo; no domínio da história onde factos ignorados são dados a conhecer ao grande público. No domínio da literatura os benefícios são mais que evidentes, mas há um que sobreleva os outros – o pôr em foco "um grande escritor que honra a nossa identidade".

Notas biográficas do autor – Fernando Campos nasceu a 23 de Abril de 1924, em Águas Santas, concelho da Maia. Licenciou-se em Filologia Clássica pela Universidade de Coimbra. Foi professor do ensino secundário em Chaves, no Porto e finalmente em Lisboa, no Liceu Pedro Nunes. Publicou algumas obras didácticas e escreveu romances como "A Casa do Pó", "Psiché", "O Homem da Máquina de Escrever", "O Pesadelo de d'Eus", "A Esmeralda Partida" (prémio Eça de Queirós), "A Sala das Perguntas", "A Ponte dos Suspiros", "...Que o Meu Pé Prende...", "O Prisioneiro da Torre Velha". Algumas destas obras estão traduzidas em Francês, Alemão, Italiano e Búlgaro. Presentemente é um seu conterrâneo ilustre, Gonçalo Mendes da Maia, o centro da sua atenção literária.

*A Direcção*

## TERTÚLIAS ACADÉMICAS

### “TERTÚLIA REAL” DO CENTENÁRIO DAS VISITAS A PORTUGAL DOS REIS EDUARDO VII DE INGLATERRA E AFONSO XIII DE ESPANHA

Apesar dos conturbados tempos que foram em Portugal os últimos anos da Monarquia Portuguesa – que viria a cair no final da primeira década do século XX, quando já pairavam sobre a Europa as nuvens que anunciavam a próxima I Guerra Mundial –, alguns Chefes de Estado visitaram-nos, precisamente os das maiores potências europeias, ou seja, os Reis Eduardo VII de Inglaterra e Afonso XIII de Espanha, o Imperador da Alemanha Guilherme II e o Presidente da República Francesa Émile Loubet, podendo citar-se também neste contexto a visita da Rainha Alexandra de Inglaterra com as princesas Maud e Vitória. Estas visitas mostram que a diplomacia portuguesa manobrava com algum êxito nos confusos meandros das relações internacionais daquele tempo, em que a partilha de África dava origem a atritos entre os impérios coloniais, no conto dos quais Portugal figurava com destaque pela antiguidade da sua história e a extensão das suas possessões.

Passando em 2003 um século sobre as duas primeiras daquelas visitas – a de Eduardo VII de Inglaterra e a do jovem rei de Espanha Afonso XIII em Abril e Dezembro de 1903, respectivamente –, a nossa Associação achou que a efeméride merecia ser assinalada numa das suas habituais “tertúlias”. Para o efeito, esboçou-se um programa que devia conter uma conferência sobre a época e a política do Rei D. Carlos naqueles difíceis tempos, uma homenagem

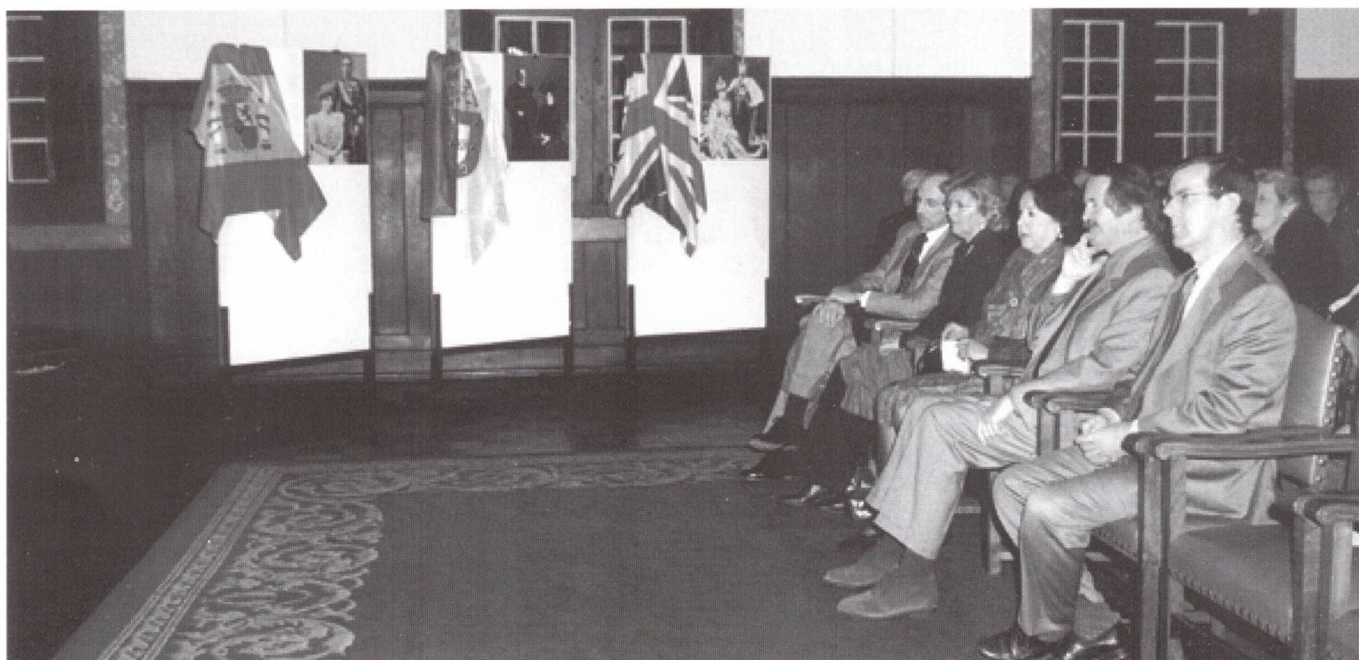
poética aos três países envolvidos nas citadas visitas (Espanha, Inglaterra e Portugal) e, por assinatura nossa, coimbrã, um apontamento de fado de Coimbra. A fechar, haveria um cocktail.

Encontrar o conferencista foi fácil. O Prof. António José Telo surgiu logo como primeira hipótese e obteve aprovação unânime imediata, reconhecido que é como especialista da História Contemporânea de Portugal entre os nossos mais destacados historiadores. Para o tempo de poesia, seleccionaram-se Fernando Pessoa (três poemas extraídos da Mensagem), um de William Wordsworth (I Travelled Among Unknown Men) e um de Federico Garcia Lorca (Cantos Nuevos). Quanto à Serenata de Coimbra com que devia terminar a sessão, o programa foi deixado ao critério dos Colegas intervenientes.

Foi decidido também que se convidariam para a cerimónia Sua Alteza Real o Senhor Duque de Bragança e os Embaixadores do Reino Unido e de Espanha.

Desde logo o salão polivalente de nossa Sede se nos afigurou exíguo para responder à afluência do público, que antevíamos seria demasiado para a sua lotação. Para obviar a esta dificuldade, entrámos em contacto com a Sociedade Histórica da Independência de Portugal, que acolheu o nosso projecto com a maior simpatia e até nos pediu autorização para o integrar no seu próprio programa cultural.

A sessão realizou-se no dia 7 de Novembro, com



início às 18h30, no vasto auditório daquela Sociedade, que preparámos expressamente para a celebração que ali ia ter lugar, pondo em destaque, em painéis próprios, emolduradas com as bandeiras nacionais dos respectivos países, ampliações de fotografias de D. Carlos I e de D. Amélia de Orleães e Bragança, e dos reis Eduardo VII de Inglaterra e Afonso XIII de Espanha com as rainhas consortes.

Deu-nos a honra de participar pessoalmente na cerimónia o Senhor D. Duarte, Duque de Bragança. A Senhora Embaixadora do Reino Unido fez-se representar pelo Sr. David Smith, Director do Colégio Saint Julians, e o Senhor Embaixador de Espanha pela Senhora D. Almodena Mazarrasa, Conselheira da Embaixada.

O Director da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Dr. Henrique de Queiroz Nazareth, e a Presidente da nossa Associação, Dr.<sup>a</sup> Fátima Lencastre, presidiram à cerimónia, tendo completado a formação da mesa o conferencista, Prof. Doutor António José Telo, e o assessor cultural da Direcção da nossa Associação, relator desta notícia.

Abriu a sessão o Director da Sociedade da Independência de Portugal, após o que a nossa Presidente tomou a palavra para cumprimentar os convidados de honra e anunciar e justificar o programa que se ia seguir, terminando com a apresentação do conferencista, cujo perfil de historiador e académico traçou de forma sumária, mas vincando em termos devidamente elogiosos a relevância da sua obra no panorama da historiografia portuguesa moderna.



António José Telo intitulou a sua conferência Entre a Espanha e a Inglaterra: As Visitas Reais de 1903 e desenvolveu o tema da política internacional de D.

Carlos e dos seus colaboradores naquela época conturbada num discurso fluente, claro, bem estruturado, denso de uma informação que seleccionou criteriosamente e interpretou com a sua peculiar lucidez e rigor crítico.

Seguiu-se o Tempo de Poesia. Os nossos Colegas Francisco de Vasconcelos, poeta e discur experiente e sensível que todos nós há muito admiramos, e a Dr.<sup>a</sup> Maria Luiza Costa, que também tem colaborado várias vezes nas nossas tardes e serões de poesia com a sua arte de dizer rigorosa e subtil, leram, respectivamente, os poemas de Fernando Pessoa e o de William Wordsworth, e o jovem modelo e actor Juan-Gabriel Soutullo deu-nos a sua interpretação do poema de Garcia Lorca com perfeita dicção castelhana.

A parte final da sessão, preenchida com a Serenata de Coimbra, esteve a cargo dos nossos Colegas Conselheiro Alcindo Costa e Dr. António José Rocha (canto), Eng. Teotónio Xavier (guitarra) e Dr. António Toscano (viola), que seleccionaram para a ocasião, e interpretaram com a costumada mestria, alguns fados e uma guitarrada bem coimbrãs, que o auditório aplaudiu vibrantemente.



Depois a Dr.<sup>a</sup> Fátima Lencastre usou de novo da palavra para agradecer a participação das pessoas que enchiam completamente o vasto auditório, destacando Sua Alteza Real o Senhor D. Duarte e os representantes das Embaixadas de Espanha e do Reino Unido, a quem depois ofereceu medalhas com motivos académicos de Coimbra em estojos próprios, com fitas em que ia gravada uma legenda respeitante à celebração a que se acabava de assistir. O Senhor Duque de Bragança, por sua vez, ofereceu à nossa Associação a réplica de uma moeda do antigo Reino do Algarve.

Encerrada a sessão, os presentes foram convidados a dirigirem-se a uma sala contígua, onde estava servido um cocktail, que foi pretexto para um agradável convívio.

*Eduino de Jesus*

## NOTICIÁRIO

### I - JANTARES MENSAIS

Continuam a ter a adesão mais expressiva e o entusiasmo mais "colectivo", pelo convívio entre todos e cada um que proporcionam aquelas horas de conforto físico, de manifestações culturais e lúdicas (mais ou menos) espontâneas. No campo dos parabéns a você (presentes e ausentes) e respectivo bolo de aniversário, tudo isto até ao momento sagrado de ouvir a indispensável Serenata no silêncio que todos já vão respeitando... por respeito aos seus intérpretes.

Neste ano realizaram-se 4 (em Julho, Setembro, Outubro e Novembro) na Valenciana, que continua satisfazendo no menu e na disponibilidade sem reservas para o número de convivas que aparecer.

### II - GINÁSTICA DE MANUTENÇÃO

Uma actividade como esta não poderia ser esquecida pela nossa Associação!

A Ginástica de Manutenção na 3ª idade é absolutamente necessária, tal como nos é recomendado pelos grandes cardiologistas e fisioterapeutas, alguns nossos Colegas: "Saia de casa!", "Ande!", "Vá passear!". Enquanto se vai da "solidão" da casa, do "estar sentado na cadeira", vai-se até à nossa Sede, põe-se o fato de treino, e aí vai a "marcha", aí vai "o exercício respiratório", enfim, tudo o que em casa não nos apetece fazer.

Sempre bem vigiados pelo competente Professor, que a Direcção convidou, o grupo continua a estar presente e pena é que o Salão não tenha o dobro do tamanho, para que a "turma" se alargue muito mais e se crie a nossa "Classe Maravilha".

Para o próximo ano lectivo, veremos o que mais poderemos fazer por estas óptimas e sempre presentes ginastas!

*Maria Antónia*

### III - AD-HOC

Agora às 5ªs feiras, pelas 15h30 no Salão da nossa Sede, reúne-se o Grupo Coral Ad-Hoc, ensaiando as canções seleccionadas para próximas actuações.

Esta actividade, tão querida de todos os participantes,

continua com os seus divertidos ensaios, só interrompidos nas férias da Associação.

Sempre que lhe foi solicitada a sua comparência, quer em actividades da nossa Associação, quer aceitando o convite de Associações amigas, o AD-HOC esteve presente, sem pretender exhibicionismos, além da sua competência.

Deste modo vem sendo já um hábito, ouvir este punhado de Colegas que gostam de cantar, divertindo-se e divertindo quem, por vezes, se encontra isolado e procura a nossa alegria simples e contagiante.

No próximo ano lectivo, recomeçará a sua actividade, como esperamos.

*Maria Antónia*

### IV - FESTA DE NATAL

O salão/refeitório da Associação dos Deficientes das Forças Armadas "rebentou pelas costuras" da sua capacidade normal com a invasão dos 115 Sócios e alguns Familiares que acorreram a dar o abraço natalício, encontrando-se o átrio de entrada e os corredores engalanados com motivos da quadra, artísticos cartazes indicativos (até do menu...); as mesas engalanadas com arranjos florais e uma árvore de Natal e um presépio ao canto do salão.

Todo este ambiente festivo ficou a dever-se ao esforço desmedido e dedicação sem limites de Natália Moraes (ao ponto de dar uma queda de que custou a recompor-se...) ajudada pela mana, a Carmen Maia, sob a batuta da nossa Vogal Maria Antónia, que requereu à Direcção mandato para a realização desta confraternização tão especial.

Cada um dos convivas foi mimoseado com uma oferta de bom gosto, e com um sarau onde actuou o Ad-Hoc, o Capela Gordo, numa rapsódia de cantigas



populares, Carmen Maia leu 2 poemas do Sr. Campos alusivos à quadra e o - Grupo Espontâneo de Sócios – culminou com a Serenata de Coimbra.

Assim conseguimos perpetuar esta quadra natalícia pela boa vontade dos que sempre arranjam tempo – e ideias – para o bem dos outros!



## V - COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- ❖ Estivemos representados na **Abertura Solene das Aulas da Universidade de Coimbra**;
- ❖ Participámos nas festas de início do ano promovidas pela **Associação Académica de Coimbra**;
- ❖ Participámos mais uma vez - e sempre - na comemoração do 10.º Aniversário da Constituição da **A.A.E.C. no Porto**, na Fundação Eng. António de Almeida com um Programa rico e variado: exposição e colóquio evocando Coimbra no tempo dos homenageados Agustina Bessa Luís e seu marido, Alberto Luís, sarau de homenagem a ambos, com "Tempo de Canto" (soprano Cecília Fontes e José Maria Parra ao piano), "Tempo de Teatro" pelo Grupo de Coros Dramáticos da AAEC no Porto, "Tempo de Orquestra" pela Ass. dos Antigos Tunos da UC, e "Tempo de Serenata" pelo Grupo "Coimbra Eterna" da AAEC no Porto;
- ❖ Continuamos mantendo convívios com as instituições nossas "cooperantes", como a *Casa dos Açores*, a *Casa de Macau*, a *Casa de Goa*, a *Casa das Beiras*, o *Elos Clube de Lisboa*, os *Amigos de Lisboa*, a *Sociedade da Língua Portuguesa*, a *Associação dos Pupilos do Exército* e a *Associação dos Deficientes das Forças Armadas*.

## NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

...em 2003 (de Julho até Dezembro...) foram:

Dr.<sup>a</sup> D. Maria Luísa Patrocínio Pessoa de Amorim, Sócio 1162;  
 Dr. António Iria Revez, Sócio 1163;  
 Dr. Joaquim Daniel Ferreira das Neves, Sócio 1164;  
 D. Maria Helena Parada Conceição e Silva, Sócio 1165;  
 Dr.<sup>a</sup> D. Honorina Sousa Abreu Marques, Sócio 1166;  
 D. Maria do Céu da Silva Duarte Ralha Garcia de Carvalho, Sócio 1167;  
 Dr. Manuel C. Povoas da Costa Cabral, Sócio 1168;  
 Dr. José Henriques Ferreira Vidigal, Sócio 1169;  
 Dr.<sup>a</sup> D. Margarida Paula Silva Féria Sousa Vieira, Sócio 1170;  
 Dr. Luís Gomes Vieira, Sócio 1171;  
 Eng. Paulo Jorge Aleixo Borrego, Sócio 1172;  
 Eng.<sup>a</sup> D. Ana Cristina F. O. R. Freire, Sócio 1173  
 e  
 D. Maria Isabel Cerveira Miranda, Sócio 1174.

## MEDITANDO

Algumas coisas tenho escrito já sobre Coimbra: a saudade que nos deixou marcas na alma, os tempos da nossa juventude já longínqua!

Mas hoje, deixando à solta o pensamento e o coração, senti que a sua paisagem, o ar que nela respirei, a cor do seu céu que tantas vezes olhei, foram também contributo e motivo deste sentimento tão arreigado em mim, tão profundo e saudavelmente romântico, de ligação à minha terra natal.

É que, a riqueza de contrastes paisagísticos que nela pude usufruir, deixaram traços indeléveis na minha alma.

Já Camões cantou os "*Campos do Mondego*" que dão óptimas produções mediterrâneas, por excelência.

E as "*Águas passadas do Rio, meu sonho vazio não vão acordar*"; "*Águas das fontes calai, ó Ribeiras chorai que eu não volto a cantar*", ouve-se ao longe, noite fora, pelas quebradas da *Velha Alta*, como poemas esculpidos em granito, para sempre!

Motivos humanos, materiais e artísticos temos na nossa querida *Alma Mater* que, misturados, numa sinfonia de História e Tradição, deixaram, em todos quantos a amaram, este misto de tristeza e alegria, de dor e de tranquilidade espiritual que é hoje o traço marcante da nossa personalidade de Antigo Estudante de Coimbra.

*Maria Antónia*

## SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE ...

- No 2º Semestre de 2003, continuou a ser enriquecida a Biblioteca e o Arquivo com livros e vária documentação oferecidos pelos nossos Sócios: Alcino Costa, António Moniz, Maria Amélia Figueiredo, Maria do Céu Santos, Francisco de Vasconcelos, Maria Fernanda Godinho, João Rolando Queiroga Chaves, Maria Isabel Miranda, Maria Isabel Prazeres, João J. Quintela de Brito, João Maria Rodrigues, Maria Joaquina Nobre Júlio, Roberto Valente, Victor Hugo Salgado.

Deixamos aqui o pedido de indicarem sempre a identidade de quem oferece, para nos evitar o lapso involuntário de não os nomearmos no nosso agradecimento

**Todos Bem-hajam!**

- Foi no dia 27 de Novembro apresentado em Coimbra, no restaurante "A Democrática", o novo livro do nosso assessor cultural Carlos Carranca "Coimbra à Guitarra", editado pela Minerva Coimbra. Estiveram presentes à cerimónia muitos amigos do autor, entre eles António Arnaut, Manuel Machado (ex-Presidente da C.M. de Coimbra). Luiz Goes e António Vilhena fizeram a apresentação da obra. No final do evento, Luiz Goes e Carlos Carranca cantaram canções de Coimbra, acompanhados pelas guitarras de João Moura e José Santos.



*Isabel Garcia, da MinervaCoimbra, a falar sobre o livro*

- Encontram-se à venda na nossa Sede:

- Vídeos e DVD's das viagens organizadas pela nossa Associação.
- O CD "**Vinte Anos ao Vivo**" no Centro Cultural de Belém pelo Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra.

**1 - Ainda temos Sócios com Quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (as dos anos 1999, 2000, 2001, 2002 e 2003 perfazem 10.000 Euros...)**  
**Quando estarão todas em dia? Não podemos "viver" sem elas! E as despesas de funcionamento da nossa Associação tendem a aumentar!**

## CAPA E BATINA

**DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO**  
**EDIÇÃO: ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA**

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA  
 RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 5 -1º - 1000-046 LISBOA  
 TELEF.: 21849 41 97 FAX: 21 849 42 08 E-MAIL: aaecl@oninet.pt  
 PERIODICIDADE: SEMESTRAL TIRAGEM: 1 000 EXEMPLARES  
 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO